

PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.



Digitized by the Internet Archive
in 2016

LAF



Revista
GREGORIANA

1961 2

D. CIRILO FOLCH GOMES O.S.B.

O Ano Litúrgico 5

*Sermão de Santo Agostinho sobre a
Ressurreição de Cristo* 16

D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT O.S.B.

Liturgia e Contemplação 21

D. E. CARDINE

Salmódia dos Intróitos 31

Falando de Liturgia 41

Esclarecimentos Pedidos 45

Vida do Instituto Pio X 47

Brasil-Ward 50

ANO VIII

Janeiro - Fevereiro 1961

REVISTA GREGORIANA

(Reg. n.º 864)

(Edição portuguesa da Revue Gregorienne de Solesmes)

Diretores D. J. Gajard e A. Le Guennant)

Sagrada Escritura — Canto Gregoriano — Liturgia — Espiritualidade,
Método Ward

ORGÃO DO INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

Diretor: D. João Evangelista Enout O. S. B.

Vice-Diretor: Irmã Marie-Rose Porto O. P.

RUA REAL GRANDEZA, 108 — BOTAFOGO — TEL. 26-1822

* — Tudo que se refere à REDAÇÃO ou à ADMINISTRAÇÃO (assinaturas, mudanças de endereço, reclamações etc.) deve ser
=> endereçado à Diretoria do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO, Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo, RIO DE JANEIRO

* — ASSINATURA ANUAL (Janeiro a Janeiro) — Tiragem bimestral. — Para o Brasil: Cr\$ 200,00 — Para o Estrangeiro: Cr\$ 250,00 — Número avulso: Cr\$ 30,00 — Via aérea: Cr\$ 250,00 — Mudança de endereço: Cr\$ 10,00

* — A REVISTA GREGORIANA é enviada, por direito, aos Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

* — Os pagamentos são feitos por Vale Postal ou cheque, em nome da Diretoria do INSTITUTO PIO X — Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro. (É grande favor endereçar para a AGENCIA do CORREIO de BOTAFOGO) O cheque bancário pagável no Rio

* — Inscrevam-se como Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO; serão sempre avisados sobre todas as suas atividades (aulas de liturgia, conferências, Missas Cantadas, etc.) e do movimento gregoriano em geral; darão um grande auxílio à irradiação da Obra Gregoriana no Brasil. Esperamos de sua caridade a inscrição como:

Sócio Titular	—	CR\$ 200,00	por ano;
Sócio Protetor	—	CR\$ 300,00	por ano;
Sócio Fundador	—	CR\$ 1.000,00	por ano;
Sócio Benfeitor	—	CR\$ 2.000,00	por ano ou mais

* — Assim também a Revista "PERGUNTE e RESPONDEREMOS": Assinatura: Cr\$ 200,00, Via aérea Cr\$ 250,00 — Para o Estrangeiro: Cr\$ 250,00 — Número avulso: Cr\$ 20,00 (atrazado: Cr\$ 25,00) — Mesmo endereço acima.



DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECORAQUE LAUDATIO

1 9 6 1

O ANO LITÚRGICO

que a piedade da Igreja alimenta e acompanha não é uma fria e morta representação de fatos que pertencem a tempos idos; não é uma simples e pura lembrança de coisas de uma época passada;

é antes o próprio Cristo a viver em sua Igreja e a continuar a percorrer a carreira

de SUA IMENSA MISERICÓRDIA.

(Pio XII — Mediator Dei)

1961

M AIS UM ANO DE TRABALHO se abre para nós. É sempre com espírito renovado que retomamos o trabalho cada novo ano pois, de uma parte, sabemos que a obra da participação litúrgica e especialmente da difusão do canto sacro em nossa terra é obra de longo fôlego e que se apresentará sempre atual às gerações que nos sucederem; de outra parte, constatamos, sem ingênuo otimismo, que alguma parte da caminhada foi vencida. De modo muito especial, olhando para o novo ano que se nos abre como um campo de projetos e trabalhos, depois das chamadas *Semanas Gregorianas* que habitualmente são realizadas em Janeiro — fora do Rio — é com particular otimismo que o encaramos. O ano de 1961 que se abre, está sendo privilegiado, sob êsse aspeto, pois no mês de janeiro, abrigou duas “*Semanas*” de grande significação para nosso movimento.

A Sessão do Método WARD para formação de professores de canto para crianças reuniu-se por 18 dias no Colégio Assunção da cidade de São Paulo, ministrando Irmã Maria Lina O.P., chegada o ano passado de Paris, os ensinamentos do primeiro ano do método a um bom grupo de professores-alunos. Em Porto Alegre, na mesma ocasião, realizava-se uma 1.^a Semana Gregoriana do Sul, dedicada a alunos do 1.^o ano exclusivamente, o que não impediu que o número de inscritos atingisse quase 200. O Curso de Porto Alegre, além de outros aspetos, assinalou especialmente uma característica de vida adulta atingida pelo Instituto, consistente no fato não só de serem os professores do Curso formados pelo próprio Instituto, mas ainda por pertencerem os mesmos à região em que se realizou o Curso, o que significa claramente a possibilidade bem próxima de uma certa autonomia de atividade para um órgão suficientemente constituído. Seria a constituição de tais órgãos, não apenas em Porto Alegre, mas em São Paulo e em outros centros, um escôpo bem próximo do trabalho do Instituto.

O Curso que acaba de realizar-se no Sul do País contou, pela primeira vez, com aulas diárias de Liturgia, ministrada pelo Revmo. Sr. Cônego Albano Krcutz, vice reitor do Seminário de Viamão e dire-

tor dos "Cadernos de Pastoral", publicação recente sobre assuntos litúrgicos. O referido curso centralizado no aspeto teológico da Liturgia, despertou grande interesse na numerosa assistência, ávida de formação litúrgica em seu aspeto mais estrutural: teológico e com sua aplicação imediata na vida espiritual. Outra disciplina ministrada pela primeira vez em nossas Semanas e com profundo vínculo com a Liturgia, foi a História do Canto Gregoriano que, no tocante aos oito primeiros séculos da vida da Igreja, se confunde com a história litúrgica. Sempre mais aparece diante dos olhos do estudioso a importância que exerce e exercerá sempre um profundo conhecimento histórico da vida litúrgica da Igreja antiga para uma colocação exata, honesta e sábia do problema da participação e da ordenação da vida litúrgica em nossos tempos atuais. Eis porque se verifica que um curso como este de História da Música eclesiástica antiga, necessariamente arqueológico quanto ao seu objeto e seus métodos de pesquisar documentos paleo-cristãos, tira entretanto conclusões altamente esclarecedoras para os problemas de nossos dias. O curso de História do Canto Gregoriano foi dado por D. João Evangelista Enout O.S.B. a quem numerosos pedidos foram feitos para que desse publicidade às notas e documentação de suas aulas.

Como complementação prática das aulas de Liturgia e Canto, contou o Curso com algumas celebrações da Santa Missa em altar "Versus populum", em graus diversos de participação, até a Missa Solene respeitina celebrada na Catedral com a assistência de S. Excia. o Sr. Arcebisbo Metropolitano.

Formenores mais abundantes dessa Semana Gregoriana bem assim como do Curso Ward a que nos referimos acima serão objeto das respectivas crônicas que publicaremos em lugar competente.

Esse bom impulso de entusiasmo e confiança que nos empresta nossa primeira atividade do ano que se inicia, faz-nos olhar com decisão para nosso programa de 1961. Nossas aulas do curso de gregoriano continuarão formando cantores e professores que deverão, aos poucos, necessariamente emprestar sua colaboração na formação de outros cantores ou na ação do apostolado litúrgico direto junto às comunidades que estiverem a seu alcance. Principalmente a ação nos collegios deveria ser mais constante para se conseguir a constituição permanente de assembléias cantantes ou que, ao menos, representassem um certo grau de participação litúrgica. Em vista do realizado no Sul e em coerência com a linha já, há mais tempo traçada pelo Instituto, é de prever-se uma permanente atenção ao estudo e prática litúrgicas em nossos trabalhos durante o ano letivo e especialmente durante a Semana Gregoriana de Julho próximo a ter lugar aqui no Rio de Janeiro.

No mesmo sentido nossa REVISTA GREGORIANA que aos poucos vai obtendo sempre maior aceitação e alargando seu âmbito de penetração, continuará seu programa de serviço ao canto da Igreja, visto num campo vasto de estudos da Liturgia, Sagrada Escritura, Espiritualidade onde se incluem estudos de temas teológicos atuais e textos patrísticos.

A REVISTA continuará sendo o elemento de contato entre tantos que emprestaram, nas regiões mais longíquas do País, seu decidido apôio e entusiasmo à causa da participação litúrgica e do canto. Não deixaremos, pois, de dar sempre acolhida às crônicas de diversas regiões e de atividades de elementos ligados ao Instituto, aceitando outrossim, além da colaboração, as sugestões que nos venham de qualquer parte.

Retemperados, pois, pelas férias, recomeçamos, com a coragem que nos dá o amor às coisas de Deus e da Igreja, os trabalhos de um novo ano já gem iniciados com o êxito magnífico das atividades acima referidas.

+

L
I
T
Ú
R
G
I
C
O

Ciclo de celebrações dos mistérios de Cristo, o Ano Litúrgico intensifica na Igreja o processo de sua configuração ao Salvador. Fá-la recordar o itinerário de Jesus — desde a Encarnação, no seio de Maria, até a Ascensão à direita do Pai — e participar de tôdas as graças que derivaram, para a humanidade, das situações que êle viveu. É mais do que uma lembrança, é um contacto com a história de Jesus o que a Igreja deseja e obtem, celebrando a Eucaristia no quadro do Ano litúrgico.

Eis, em resumo, o tema que pretendemos desenvolver neste artigo. Inspiramo-nos nos dados que Pio XII fixou na Encíclica “Mediator Dei” e que, a nosso ver, se concentram principalmente nos três seguintes textos:

“A sagrada Liturgia, enquanto recorda os mistérios de Jesus Cristo, empenha-se em que todos os fieis participem dêles de modo tal que a divina Cabeça do Corpo Místico viva em cada um de seus membros com tôda a perfeição de sua santidade. As almas dos cristãos são como altares, nos quais as várias fases do Sacrifício, que o Sumo Sacerdote imola, como que revivem umas após as outras...”

“Eis porque o Ano litúrgico, que a piedade da Igreja alimenta e acompanha, não é uma fria

e morta representação de fatos que pertencem a tempos idos; não é uma simples e pura lembrança de coisas de uma época passada; é antes o próprio Cristo, a viver em sua Igreja e a continuar a percorrer a carreira de sua imensa misericórdia, que êle começou em sua vida mortal, quando passou fazendo o bem, movido pela intenção misericordiosa de que os homens entrassem em contacto com os seus mistérios e dêles de certo modo vivessem”.

“Acresce que a Igreja, como mãe piedosa, propondo-nos a contemplação dos mistérios do Redentor, pede com suas orações os dons celestes, em razão dos quais, pela virtude de Cristo, seus filhos se tornem o mais possível impregnados do espírito dos mesmos mistérios” (1).

Estas palavras de Pio XII determinam com clareza o sentido profundo de sacramental que têm as festas litúrgicas como ocasiões privilegiadas, oferecidas pela intercessão da Igreja, para participarmos vivamente, intensamente dos tesouros máximos da graça. Elas ecoam, à maneira de ensinamento, a voz antiga da própria Liturgia, que sempre afirmou sua sintonia com os mistérios comemorados, em termos de um forte realismo. Quem não sente que o famoso “hoje” das celebrações litúrgicas significa qualquer coisa mais que uma vivida recordação?

“Hoje o Cristo nasceu”, dizemos no Natal; “hoje a estrêla guiou os Magos”; “hoje a Igreja se uniu ao celeste Esposo”, na Epifania; “hoje o Salvador arrombou as portas da morte”, no Sábado Santo; “hoje, ó Senhor, vencedor todo poderoso, subiste às alturas celestes”, na Ascensão; “hoje o Espírito se difundiu”, em Pentecostes. E, de um modo talvez ainda mais eloqüente, no Canon da Missa da 5.^a Feira Santa: “Êle, na véspera de padecer, isto é hoje, tomou o pão em suas santas e veneráveis mãos”.

É essa também a linguagem dos Padres da Igreja, expressa principalmente naquelas homilias mistagógicas, que visavam introduzir os fieis na participação prática, vital, do culto. São Leão Magno nos proporciona, neste particular, inúmeros exemplos, pois raros eram os seus sermões, pronunciados nas festas do Senhor, que não punham em relevo a eficácia especial, obtida pela celebração litúrgica, dos mistérios redentores:

“Cristo já consumou, é verdade, o triunfo de sua Paixão e de sua Ressurreição, e tôdas as ações que êle executou, por nós, em seu abaixamento, pertencem ao passado; a festa, porém, de hoje (Natal) renova para nós os primórdios de Jesus, nascido da Virgem Maria” (2).

(1) Mediator Dei, A.A.S., 39,1947, pp. 521-595. A tradução é nossa.

(2) — Léon le Grand, Sermons (Coll. “Sources chrétiennes”, 22, pg. 126).

“Quando podemos recorrer aos remédios divinos mais oportunamente do que nestes dias, em que, pela lei de retôrno do tempo, nos são proporcionados os sacramentos (=mistérios) da Redenção?” (3)

A palavra “sacramento”, que nessa época tinha um significado muito mais amplo do que o de hoje, vinha sendo empregada, desde Sto. Ambrósio, Sto. Agostinho e, principalmente, S. Leão, para designar ambigualmente tanto os mistérios que eram os objetos das festas como as próprias festas em sua celebração litúrgica (4). Queria-se indicar que era a realidade mesma dos feitos salvíficos que se tornava eficaz para os fieis na sua celebração cúlrica. S. Máximo de Turim chamava as solenidades cristãs “frequentissima sacramenta”, sacramentos periódicos (5).

É verdade que houve hesitações. Nem sempre foi atribuída a prerrogativa sacramental a tôdas as festas do nosso “ciclo do tempo”. Mas isso não tanto por negação expressa quanto por omissão, e em épocas nas quais tal ou qual solenidade ainda não tinha excitado a plenitude de suas ressonâncias na consciéncia do mundo cristão. Exemplo famoso é o de Sto. Agostinho quando nos diz que o Natal é apenas um aniversário, uma “memória”, não um “sacramentum” como a Páscoa:

“Convém que saibais que o dia do aniversário do nascimento do Senhor não é celebrado sacramentalmente (non in sacramento celebrari) mas so nos traz à memória o fato dêsse nascimento; e por isto bastava assinalar êsse dia com uma festa de devoção (festa devotione signari)” (6).

Por outras palavras, o Natal pertence à categoria de festas do “Santoral”, encabeçando-as, evidentemente, por sua dignidade única. A Páscoa, porém, é celebrada “in sacramento”: além de nos recordar um fato do passado, significa uma atualização de seu valor salvífico.

A Páscoa, sendo a data da grande atividade redentora de Cristo — a sua morte e ressurreição — aparecia necessariamente integrada com o Sacrifício eucarístico, que era o conteúdo, por excelência, das celebrações cúlricas. Aparecia como o “lugar” do mistério eucarístico, pois êste era idêntico ao mistério da Redenção. Foi, por isso,

(3) — Id., ib., 49, pg. 53.

(4) — Cf. G. Hudon, “La perfection chrétienne d’après les sermons de Saint Léon”, Paris 1959, p. 168.

(5) — Serm. I de Pentec., PL 57,629. Ver outros exemplos em Dom J. Hild, “Dimanche et vie paschale”, Turnhout 1949, p. 268s.

(6) — Ep. 55, PL 33,204; cf. Ep. 54, ib., col. 200. Sôbre a interpretação dêstes textos vejam-se os artigos de Dom Gaillard e G. Hudon em “La Maison-Dieu” 59, pp. 37-84.

sempre a "solenidade das solenidades", o "mirabile sacramentum" (7). Aliás, nos três primeiros séculos, sua posição era mais do que de preeminência: a Páscoa era a única festa e o Ano litúrgico resumia-se no "annus circa Sacramentum". Só no século IV a pujança de sua luz se deixa refratar numa primeira diversificação de celebrações: a missa da 5.^a feira santa, a synaxe da 6.^a feira, a vigília pascoal, a oitava da Páscoa e as festividades da Ascensão e Pentecostes (8).

Quando, também no século IV, surgem Natal e a Epifania, nem todos os reconhecem imediatamente em seu genuíno sentido de outros tantos reflexos da mesma realidade da Páscoa. Mas não tardará a falar-se do "sacramentum Nativitatis" e do "sacramentum Epiphaniae", da mesma forma que do "sacramentum paschale" (9). É que a Eucaristia também nos fala do Natal... Como separar do mistério da Redenção o da Encarnação? A solenidade do santo Natal é a dos "primórdios" do Sacrifício eucarístico, dirá a Liturgia (10).

* *

*

Estes poucos dados nos mostram que entender o Ano litúrgico é entender os mistérios de Jesus Cristo como presentes e operantes no itinerário da Igreja e de cada fiel. Dirijamos, pois, a êles algumas considerações.

Designamos com a expressão "mistérios de Cristo" os vários feitos e acontecimentos de sua vida, os quais, enquanto implicados em sua atividade redentora, têm valor salvífico para nós. Colocamos simplesmente no plural aquilo que S. Paulo gostava de contemplar como "o mistério", "o mistério da vontade de Deus", "o mistério escondido nos séculos em Deus" (11). Era o plano da Redenção, inicialmente oculto nas profundezas da caridade insondável de Deus e um dia manifesto na pessoa e na obra do Cristo Jesus.

Todo o "fato" de Jesus Cristo, em seus mínimos detalhes, significa para nós salvação, por ser Jesus quem êle é, o Filho de Deus em nossa terra. A dignidade de sua pessoa imprimia um cunho transcendente, um valor infinito as suas menores ações. Já consideradas em si mesmas e ainda quando não procedessem senão de suas faculdades humanas, eram algo de adorável no cenário da Criação: pertenciam ao ser do Verbo de Deus. Consideradas concretamente no Jesus Salvador dos homens eram

(7) — Leão Magno, sermão LIII. P.L. 54.

(8) — Ver B. Botte, "Le cycle liturgique et l' économie du salut", *Maison-Dieu* 30, pp. 63-78.

(9) — Assim S. Leão em seus vários sermões: cf. Hudon, op. cit., p. 189.

(10) — C. Mohlberg, *Sacramentarium Veronense*, p. 161, n.º 1259.

(11) — Rom 16,25; 1 Cor 2,7; Ef 5,32; Col 1,26s; Ef 1,9; 3,9.

a expressão de um continuo "serviço" (esta palavra é dêle mesmo: Lc 22,27) para a Redenção da humanidade culpada. Pois se esta era a missão de sua vinda, necessariamente marcava a sua caridade de cada instante, iluminada pela ininterrupta visão beatífica. Por causa do valor infinito da pessoa de Cristo "tôdas as suas ações e seus sofrimentos operavam instrumentalmente, na virtude da divindade, para a salvação dos homens" (12). Eram mistérios redentores.

E se Deus não tivesse o designio da Cruz, do testemunho extremo da caridade, seria suficiente para a salvação universal dos homens o mérito de um único ato de amor, a satisfação de uma só gota de sangue, oferecida em nosso nome. Deus, porém, quis que as ações meritórias da vida inteira de Jesus concorressem como parcelas de uma grande causa total a ser integrada e ultimada no Calvário (13). Seriam mistérios em dependência de um grande Mistério que se perfaz na Cruz.

Ora, na Redenção consideramos dois aspectos. De um lado, ela diz satisfação pelos pecados do mundo, aquisição do perdão e da graça de Deus. De outro lado, diz entrega aos homens dos dons dessa graça, que se resumem, finalmente, na participação da vida divina, isto é, naquilo que chamamos "graça santificante". E esta mediação descendente de Jesus, explica S. Tomás (14), não é o resultado apenas da intercessão de seus méritos, mas de certa "eficiência", de um influxo de ordem física, vital, que transmite a todos os homens resgatados uma participação da graça acumulada em absoluta plenitude na santíssima humanidade do Salvador. Eis o profundo sentido em que êle é a Cabeça do Corpo Místico, "de quem recebemos graça sobre graça" (Jo 1,16).

Mas aqui vejamos: pelo fato de chegar até nós, através da mediação de Cristo, a divina graça que nos vivifica é "cristã" (*gratia Christi*), traz a marca, a modalidade do Senhor Jesus e de tôdas as suas ações redentoras, produzindo em nós uma configuração a sua pessoa e a seus mistérios. Como as águas que atravessaram os minerais vêm jorrar depois, nas fontes, enriquecidas pelas propriedades e qualidades dêles, produzindo efeitos semelhantes nos que as bebem e tocam (15), assim a graça da Redenção conforma o Corpo Místico e cada um de seus

(12) — S. Th. III, q 48, a 6.

(13) — Dom. Soto, IV Sent., dist. I, q 3, a 5.

(14) — S. Th. III, q 8, a 1, ad 1: "a humanidade de Cristo foi o instrumento de sua divindade, e suas ações nos foram salutares porque causaram a graça em nós pela via do mérito e de certa eficiência". Cf. também III, q 48 a 6; 49, a 1; a 3; etc. Os tomistas interpretam essa eficiência no sentido físico (sóbrenatural), porquanto S. Tomás sempre a contradistingue do merecimento (causa moral).

(15) — A imagem é de Louis Chardon, em sua obra "La croix de Jésus" (1647), citada em Ch. Journet, "L' Eglise du Verbe Incarné" II, p. 310.

membros à imagem do Mediador, levando-os a uma "passagem para o Pai" segundo o mesmo itinerário que foi o seu.

É este o substrato ontológico de todo o ideal ascético da imitação de Cristo. "É um dos grandes princípios do cristianismo", escrevia Pascal, "que tudo o que aconteceu com Jesus Cristo deve passar-se também na alma e no corpo de cada cristão" (16).

E muito antes de Pascal S. Paulo não hesitava em criar neologismos, os célebres verbos de prefixo "com", para exprimir com uma inegalável força o caráter não só estático, mas dinâmico, de nossa inserção em Cristo, de nossa participação no seu Mistério:

"Se nós morremos com êle (commorimur), viveremos com êle (convivemus): se nós padecemos, nós reinaremos com êle (conregnabimus)" (17).

"Nós somos herdeiros com Cristo (cohaeredes), se, porém, sofremos com êle (compatimur), para ser glorificados com êle (conglorificemur)" (18).

"Quando estávamos mortos, por causa de nossos pecados, Deus nos vivificou com Cristo (convivificavit)... ressuscitou com êle (conressuscitavit), fêz-nos sentar nos ceus com êle (consedere)" (19).

Nossa configuração a Cristo deve ser o processo dinâmico de uma assimilação a sua história porque êle precisamente não viveu o percurso de uma historia com outra finalidade senão a de nos ministrar um caminho conatural a nossa condição de seres "viandantes", que se constróem e se afirmam na trama sempre móvel do tempo.

Surge, porem, a pergunta: poderíamos precisar de que modo essa história nos atinge com seu cortejo de graças? Porque não é num relance que se percebe a possibilidade de um passado se tornar presente às sucessivas gerações humanas a ponto de informá-las nas raízes de sua realidade...

Aquí cumpre responder, em primeiro lugar, que não se cogita de uma presença objetiva dos eventos do passado. Também nas ações de Cristo — enquanto eram "ações" — entrava necessariamente uma determinação, uma individuação pelo fator "tempo", que, a não ser na eternidade da visão de Deus, as fêz difinitivamente impermanentes e irrepetíveis em sua identidade numérica (20.) Mas uma explicação pode

(16) — "Pensées", ed. Br., p.103.

(17) — 2 Tim 2,12.

(18) — Rom 8,17.

(19) — Ef 2,5.

(20) — Ver em C. Vagaggini, "Il senso teologico della liturgia", Roma 1958 (2.^a ed.) a crítica de teoria de uma presença real-objetiva das ações de Cristo no mistério do culto (pg. 94 — 98).

ser procurada para a permanência de sua eficácia redentora, de sua “virtus”, destinada pelo plano de Deus a um efeito universal. Tal explicação, naturalmente, não evitará o encontro de um fundo de mistério — trata-se do “agir” do Verbo Encarnado! — e há de limitar-se a um esforço de aproximação, norteado, sim, pelos dados revelados e pela sã razão.

Entre os teólogos tomistas, que pressupõem derivar-se das ações de Cristo uma causalidade física e não somente moral (de intercessão), temos basicamente duas tentativas de solução. Uma, a clássica, defendida pelos mais célebres comentadores de S. Tomás, responde que a eficiência dos mistérios redentores emana não propriamente de sua realidade histórica transitiva, mas da humanidade de Cristo, que os causou, que por eles ficou afetada, modificada, e que, gloriosa no céu, nos santifica com as graças que são os efeitos daqueles mistérios passados:

“A Paixão permanece nos estigmas que dela provém e nas qualidades gloriosas que o Cristo adquiriu por meio dela: pode-se dizer que a Paixão opera fisicamente nossa salvação porque a humanidade do Cristo, determinada, mudada e modificada por ela, opera fisicamente nossa salvação” (21).

Os antigos mistérios estão presentes no Cristo glorioso, como suas chagas. Ali estão naquilo que fôra seu estado interior, sua “alma”, pois esta não era algo de transitório e, sim, a oblação constante, a caridade que os motivava:

“Eles passaram quanto à sua execução, mas estão ainda presentes quanto a sua virtude, e sua virtude não passa jamais, nem passará jamais o amor com o qual foram realizados. O espírito, portanto, o estado, a virtude, o mérito do mistério está sempre presente. O espírito de Deus, pelo qual o mistério operou, o estado interior do mistério exterior, a eficácia e a virtude que torna esse mistério vivo e operante em nós... A infância do Filho de Deus é um estado passageiro, as circunstâncias dessa infância passaram, e ele não é mais criança mas há qualquer coisa de divino nesse mistério, que persiste nocéu...” (22)

Outros Autores, porém, sem negarem as asserções precedentes, acham-nas insuficientes. Parecem inadequadas, por exemplo, quando aplicadas ao mistério da Missa, memorial vivo da Paixão. Apelam êles, portanto, para o caráter de supra-temporalidade e supraespecialidade que seria próprio da virtude das ações teândricas de Cristo. Na qualidade de instrumentos da causalidade divina — que opera no instante imóvel da Eternidade — e em virtude de sua destinação a um efeito

(21) — Billuart, “De Incarnatione”, diss. 13, a 2.

(22) — Bérulle, Opusc. de piété, 77, cit. em Brémond, “Hist. littéraire du sentiment religieux en France”, III, p.65.

universal (23), elas participariam dessa transcendência quanto ao espaço e ao tempo. Por conseguinte, assim como

“pelo contacto da carne de Cristo adveio uma força de santificação não somente às águas que (no Jordão) o tocaram, mas às águas de todos os lugares e em todos os séculos” (24),

também os demais feitos de sua vida atingiriam por um “contacto virtual”, isto é, por meio da onipotência divina, todos os lugares e tempos (25).

Nesta explicação indiscutivelmente adquire maior realismo a doutrina de que fomos e somos salvos pela vida do Cristo histórico, especialmente pela Paixão e pela Ressurreição. Não só a “carne” de Cristo é vivificante, como dizia S. Cirilo de Alexandria (26), mas “sua carne e os mistérios nela perpetrados” (27). O sacerdócio celeste do Cristo-homem, que sem cessar intercede por nós (Hebr 7,25), é então o de quem apresenta continuamente ao Pai a prece e os merecimento do ato sacrificial realizado uma vez por tôdas na Cruz (e sacramentalmente representado nas Missas), bem como o de quem continuamente opera, na humanidade resgatada, os efeitos específicos de sua vida nova à direita de Deus.

De qualquer modo que seja — e não nos cumpre discutir aqui os fundamentos destas duas teorias — as graças do Redentor chegam até nós, em todos os tempos e lugares, como um “remédio”, o qual, diz S. Tomás, é objetivamente capaz de nos salvar, mas precisa ser utilizado, aplicado (28). Ora, essa aplicação se faz mediante uma realidade “encarnada” — os Sacramentos — e mediante uma sintonização de nosso

(23) — Os profetas e taumaturgos, além de instrumentos separados, de Deus, destinavam-se apenas a tal ou qual época ou grupo humano. Ver Th. Tschipke, “Die Menschheit Christi als Heilsorgan der Gottheit”, Freiburg im Br., 1940, p. 187.

(24) — S. Th. III, q 78, a 5. Cf. ainda q 56, a 1, ad 3: “a ressurreição de Cristo é a causa eficiente da nossa ressurreição, graças à virtude divina à qual é próprio vivificar o que está morto e que se torna presente a todos os lugares e tempos”. A ressurreição de Cristo aqui é “Christus resurgens”, como dissera S. Alberto Magno (C.S., IV, dist. 43, a.26). Ver ainda a q 50, a 6: a morte de Cristo “in fieri” foi causa eficiente e meritória da Redenção.

(25) — Cf. a exegese de Tschipke, op. cit., pg. 187; Holtz, “La valeur scétériologique de la resurrection du Christ selon S. Thomás”, TL, 1953, p.633. As dificuldades suscitadas por J. — H. Nicolas, Rev. Thomiste 1958, pp. 37-40, a partir da metafísica da ação instrumental, não são sem resposta: Tremblay, Angelicum 1959, p.200.

(26) — In Jo., 6,63; PG 73, 602.

(27) — S. Th. III, q 62, a 5, ad 1.

(28) — S. Th. III, q 49, a 1, ad 3.

espírito pela fé (29). Um remédio espiritual, como o é a graça da Paixão, postula um contacto espiritual, o acolhimento da fé. Um remédio que deriva imediatamente da humanidade de Cristo e que se aplica a seres compostos de alma e corpo — que precisam de sinais e imagens para se exprimirem, que precisam de realidades para tocar — convém que lhes chegue na linguagem dos sinais sensíveis. Eis-nos, pois, no mundo da Liturgia.

*

* *

A Liturgia tanto é o lugar “privilegiado” de contacto com as fontes do Salvador que, sem uma relação, ao menos de desejo implícito aos Sacramentos — que são o centro do sistema litúrgico — a fé, por si só, não nos uniria a Cristo.

A Liturgia são os Sacramentos e os sacramentais. Nos sacramentos a graça que se nos oferece deriva de uma “virtus”, de uma força da Paixão, daquele fato da história de Cristo (quer o consideremos enquanto presente nas chagas do Ressuscitado, quer o consideremos em sua realidade histórica do passado), daquele fato para o qual tenderam, como para seu pêso, como para sua “Hora”, as ações e os dias de Jesus. Na Eucaristia, mais do que uma “virtus”, está Cristo em pessoa, com a plenitude de seus dons. Por isto, em torno dela, gravitam os demais Sacramentos e os sacramentais, a participarem do calor desse foco e a realizarem a seu serviço a sua finalidade própria (30).

Os sacramentais — e entre estes colocaremos as festas do Ano litúrgico — são como os reflexos mais da periferia, que reverberam, contudo, a mesma Luz, e simbolizam, em sua variedade, uma vocação sobrenatural que é de todos os seres do universo criado.

Depois da Encarnação e da Redenção, isto é, depois que “o Filho de Deus traçou o sinal da Cruz sobre as coisas” (31), ressoou para todas as criaturas a vocação de servirem, enobrecidas por uma dignidade nova, ao Corpo Místico de Cristo. Se sempre foram, por sua entidade mesma, sinais do Criador, “vestigia Dei”, passariam a ser sacramentais do Redentor. Basta que a palavra missionária da Igreja as atinja para que sejam “evangelizadas”, “liturgizadas”.

(29) — S. Tomás, De Verit., q 29, a 7, ad 8 e ad 11; S. Th. III, q 49, a 3, ad 1; a 5; etc.

(30) — S. Th. III, q 65, a 3; q 79, a 1, ad 1: “O sacramento da Eucaristia tem por si mesmo a virtude de conferir a graça. Ninguém tem a graça antes de recebê-lo, a não ser por um certo desejo de recebê-lo, feito por si mesmo, como é o caso dos adultos, ou pelo desejo da Igreja, como é o caso das crianças”.

(31) — Sto. Irineu, “Demonstr. da pregação evangélica”, Patrologia Orientalis, t. XII, p. 773, n° 34.

Entre elas também o “tempo”, a mais fugaz das entidades contingentes. Nele viveu o Salvador, nele vive a Igreja: é “tempus circa Sacramentum”.

Falando de um modo genérico, poderíamos dizer que o intervalo de séculos dentro do qual a Igreja edifica a sua história é um “sacramental”, pois êle entra como condição de seu crescimento até a idade da plenitude de Cristo, cabendo-lhe anunciar um dia o Retorno do Senhor.

Mas não é só intervalo homogêneo da História o tempo; sua trajetória se detalha numa sucessão de ritmos, de ciclos, que demarcam os dias, as estações, os anos onde palpita a nossa vida humana (32). Eis porque a Igreja também os convocou ao serviço de Cristo. As “revoluções” naturais do nosso tempo trarão a ocasião das festas, da celebração eucarística a ser repetida “até que Êle venha” (1 Cor 11,26).

Uma festa litúrgica será, assim, um momento fornecido por estes ciclos para ser santificado pela Palavra da Igreja e pela celebração da Eucaristia. Será um sacramental”, no pleno sentido desta expressão (33).

Um sacramental é, em primeiro lugar, algo que carrega a Palavra da Igreja, a prece intercessora que lhe imprimirá uma eficácia “ex opere operantis Ecclesiae”, como dizem os teólogos. Ora, se às vezes o que a Igreja pede são bens temporais, ou a expulsão do Maligno, ou graças atuais e particulares dos mais diversos graus, no caso da solenidade litúrgica, cujo objeto significado é um mistério da vida do Senhor, o que ela pede é o espírito dêsse mistério, sua graça santificadora própria, seu estado íntimo:

“Ela apoia nossas súplicas afim de que obtenhamos a graça especial, própria de cada um dos mistérios vividos pelo Cristo... O Cristo colocou nas mãos de sua Esposa a celebração dos seus mistérios” (34).

Depois, essa súplica se faz em estreita união com a prece da Eucaristia. Porque a solenidade forma com a Eucaristia um inseparável conjunto, um todo moral. Sendo assim, sendo um sacramental que gira em torno da Eucaristia, recebe dela uma participação de sua eficácia, do seu “opus operatum” (35), predispondo-nos desta forma a um contacto de graça, mais íntimo e frutuoso, com o mistério celebrado.

(32) — Interessantes, a respeito desta observação, as considerações de L. Bouyer, em “La vie de la Liturgie”, Paris 1956, pp. 241-245.

(33) — Cf. S. Th. I-II, 108, a 2, ad 2; q 101, a 4, ad 5.

(34) — Dom Marmion, “Le Christ, vie de l’âme”, cap. IX.

(35) — Cf. J. Vilanova, “Per una teologia del, any liturgic” em “Cardinali I.A. Schuster in memoriam”, Monteserrat 1956, extrato, pg. 16.

Pergunta-se, porém, às vezes: que sentido tem a diversidade de festas do Ano litúrgico, com seus diferentes objetos, se são celebrados pelo mesmo Sacrifício eucarístico, que resume sempre a vida inteira do Senhor? Não seria realmente mais lógica a estrutura litúrgica dos primeiros séculos, quando a única solenidade era a Páscoa?

A Eucaristia é, sim, formalmente, o Sacrifício da Paixão do Senhor, nem jamais poderíamos dizer que fôsse afetada em seu sentido pelo fato de se situar no contexto das diferentes festas. Vimos, porém, que ela resume, de modo eminente, a vida de Jesus como "memorial de tôdas as suas maravilhas" (Sl. 110), como o ponto de convergência de seus múltiplos mistérios. Sendo assim, é nela que deve terminar-se e exprimir-se o nosso culto, mesmo quando êle parte da contemplação de outros mistérios, como a Natividade, a Epifania ou a Transfiguração. Queremos contemplá-los e, pela intercessão da Igreja, intensificar o nosso contacto com sua graça, porque êles marcam o autêntico itinerário para o Pai.

Celebrando apenas a Páscoa e sua repetição dominical, a Igreja antiga tinha, sem dúvida, globalmente, essencialmente, o que nós temos desenvolvido, na liturgia atual. Mas êsse desenvolvimento é um enriquecimento, é uma penetração maior nos tesouros da Eucaristia. É uma explicitação que franqueia mais amplamente aos cristãos o manancial da vida, como, por exemplo, no campo da doutrina, a Igreja explicita e aprofunda, no decurso do tempo, a Verdade substancialmente sempre a mesma. Isso pertence tipicamente à função da Igreja: tirar "do seu tesouro" coisas novas e velhas, prolongar o Corpo de Cristo nos séculos e nas almas, para que atinja um dia a estatura perfeita daquele que é o seu princípio e o seu modelo.

Sermão de Santo Agostinho sôbre a RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Introdução

“SANTO AGOSTINHO é, entre os Padres, o primeiro mestre da eloquência latina, como São Crisóstomo o é da eloquência grega”, disse o autorizado Monsabré. Realmente, ao lermos hoje, depois de tantos séculos, os sermões e as homilias que êle pronunciou em Hipona, entre os anos de 391 e 428, sentimo-nos envolver por uma palavra extremamente viva e cativante, aguda, tão persuasiva e tão clara que mais parece uma conversação encetada conosco para levar-nos a um mundo de descobertas. Bossuet julgava não exagerar dizendo, que nessa eloquência residia “o non plus ultra do talento, no qual se acha o último grau de inteligência de que é capaz o homem”...

Também o seu auditório — certamente muito mais do que nós — sabia apreciar êsse talento. Através dos parênteses que Sto. Agostinho abre de quando em quando, percebemos como ali estava, a reagir atento, vitalmente interessado, aquele público mixto de fiéis, de herejes (arianos, donatistas, pelagianos, maniqueus), de judeus e de pagãos. Mesmo os assuntos difíceis, mesmo as exegeses sutis das Escrituras ou as especulações arrojadas da filosofia pareciam ser, “pro posse”, acompanhadas, tal a vivacidade da retórica e a propriedade das imagens retiradas das coisas mais singelas da natureza ou das experiências humanas da psicologia. Ficavam todos de pé, durante a pregação, na basílica Leonciana (uma das três basílicas de Hipona), e por isso o Bispo cuidava em não prolongar os sermões, a não ser em raras ocasiões. Êle pôde dizer um dia estas palavras sugestivas:

“Nunca vos vejo fatigados... Quanto me agrada perceber que ouvis com deleite a verdade da palavra de Deus! Se os que vão ao anfiteatro tivessem de permanecer em pé tanto tempo, será que aguentariam os espetáculos?” (In Ps. 141, 21). “Vossa avidês é tanta que sempre estais dispostos a ouvir-me!” (In Ps. 41, 13).

O sermão que apresentamos hoje não pretende estar entre as obras primas de Sto. Agostinho. Foi escolhido por causa da oportunidade de que se reveste em nosso tempo pascoal. E serve para fazermos sentir um pouco do estilo e da alma de seu autor. É um comentário à pericope de São Marcos que narra uma aparição de Jesus ressuscitando aos Onze Apóstolos, quando se achavam à mesa: “Recriminai-lhes a incredulidade e a dureza de coração, porque não haviam acreditado naqueles que o viram ressuscitado dos mortos” (Mac 16, 14). Sto. Agostinho a aproxima, inicialmente, do texto de João 20, 24-29, que conta o episódio de Tomé apalpando as chagas do Senhor e ouvindo d’Ele as consoladoras palavras: “Acreditaste, porque me viste. Bemaventurados os que não viram e creram”.

Para facilidade de leitura fizemos uma divisão em 4 pontos. No 1º trata-se da fé no fato da Ressurreição. No 2º explica-se que esta significou a vitória definitiva sobre o pecado e a morte. No 3º insiste-se nisso que a Ressurreição de Cristo, da qual participam desde já em sua alma, os cristãos, deve traduzir-se por uma ética digna essa vida nova. No 4º mostra-se como é em Cristo resuscitado que encontramos a chave de nosso desejo de felicidade: tema que é dos mais caros a Sto. Agostinho: só há uma felicidade merecedora dêste nome: a sobrenatural, a qual, segundo sua opinião, também é aspirada pelos pagãos, de um modo mais ou menos confuso, embora só os que se unem a Cristo possam atingi-la.

“Sôbre a ressurreição de Cristo segundo S. Marcos”

(Sermão 261)

1. A ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo lê-se êstes dias, como é costume, segundo cada um dos livros do santo Evangelho. Na leitura de hoje ouvimos o mesmo Jesus Cristo censurando seus discípulos, primeiros membros seus, que conviveram com êle: porque não criam estar vivo Aquele por cuja morte choravam. Pais da fé, mas ainda não fiéis; mestres, para que todo o orbe da terra cresça no que pregariam, pelo que aliás morreriam, mas inda não criam. Não acreditavam ter resuscitado Aquele que êles haviam visto resuscitando os mortos. Com razão, pois, censurados: eram assim patenteados a si mesmos, para que soubessem o que seriam por si mesmos aqueles que muito seriam graças a Êle.

E foi dêste modo que Pedro se mostrou quem era: quando imminente a Paixão do Senhor, muito presumiu; chegada a Paixão, titubeou. Caiu em si, condôeu-se, chorou consigo mesmo, converteu-se. Aquele que o fez.

Eis quem eram os que ainda não criam, apesar de já verem. Grande, pois, foi a honra que nos deu Aquele que permitiu crêssemos no que não vemos! Nós cremos pelas palavras dêles, ao passo que êles não criam em seus próprios olhos.

2. A ressurreição, porém, de Nosso Senhor Jesus Cristo, é a vida nova dos que creem em Jesus, e é êste o mistério da Sua Paixão e Ressurreição, que muito devieis conhecer e realizar. Porque não sem motivo desceu a Vida até a morte. Não foi sem motivo que a fonte da vida, de onde se bebe para se viver, bebeu dêsse cálice que lhe convinha. Porque a Cristo não convinha a morte. De onde veio a morte?

Vamos investigar-lhe a origem: O pai da morte é o pecado. Se nunca houvesse pecado ninguém morreria. O primeiro homem recebeu a lei de Deus, isto é, um preceito de Deus, com a condição de que se o observasse viveria, se o violasse morreria. Não crendo que morreria, fez o que o faria morrer; e verificou a verdade do que dissera quem lhe dera a lei. Desde então, a morte; desde então, ainda a segunda morte, após a primeira, isto é, após a morte temporal, a eterna morte. Adstrito a essa condição de morte, a essas leis do inferno, nasce todo homem; mas por causa dêsse homem mesmo Deus se fez homem, para

que não percesse o homem. Não veio, assim adstrito às leis da morte; e por isso diz o Salmo: "Livre entre os mortos". (1).

Concebeu-O, sem concupiscência, uma Virgem; como Virgem deu-Lhe a luz, Virgem permaneceu. Ele viveu sem culpa, não morreu por causa de alguma culpa; comungava conosco no castigo mas não na culpa. O castigo da culpa é a morte; Nosso Senhor Jesus Cristo veio morrer, mas não veio pecar; comungando conosco do castigo sem a culpa, apagou tanto a culpa quanto o castigo. Que castigo abrogou Ele? O que nos era devido, após esta vida. Foi assim crucificado para mostrar na cruz o fim do nesso homem velho; e ressuscitou, para mostrar em sua vida como é a nossa vida nova. É o que ensina a doutrina do Apóstolo: "Foi entregue, diz o Apóstolo, por causa dos nossos pecados, ressurgiu por causa da nossa justificação" (2).

Como sinal disto fora outrora dada a circuncisão aos Patriarcas: no oitavo dia todo individuo masculino devia ser circuncidado. A circuncisão fazia-se com cutelos de pedra: porque Cristo era a pedra. Nessa circuncisão significava-se a expoliação da vida carnal a ser realizada no oitavo dia pela Ressurreição de Cristo. Pois o sétimo dia da semana é o sábado; no sábado o Senhor jazia no sepulcro, no sétimo dia da semana. Ressuscitou no oitavo. A Sua Ressurreição nos renova. Eis porque resuscitando no oitavo dia, circuncidou-nos. É nessa esperança que vivemos.

3. Ouçamos o Apóstolos dizer: "Se ressuscitastes com Cristo..." (3) Como ressuscitamos se ainda não morremos? Que quer dizer, pois, o Apóstolo: "Se ressuscitastes com Cristo"? Acaso ressuscitariam os que não tivessem antes morrido? Mas falava aos vivos, aos que ainda não morreram... os quais, contudo, ressuscitaram: que quer dizer?

Vêde o que afirma: "Se ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus; saboreai o que é do alto, não o que está sôbre a terra. Porque estais mortos!"

É o próprio Apóstolo quem está falando, não eu. Ora, êle diz a verdade, e, portanto, digo-a também eu... Mas porque também a digo? — "Acreditei e por causa disto falei" (4). Se vivemos bem, é que morremos e ressuscitamos. Quem, porém, ainda não morreu, também não ressuscitou, vive mal ainda; e se vive mal, não vive: morra para que não morra. Que quer dizer: morra para que não morra?

Converta-se para que não seja condenado. "Se ressuscitastes com Cristo", repito palavras do Apóstolo, "procurai o que é do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus; saboreai o que é do alto, não o que é da terra. Pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo que é a vossa vida aparecer, então também vós apparecereis com Êle na glória". São palavras do Apóstolo. A quem ainda não morreu, digo-lhe que morra; a quem ainda vive mal, digo-lhe que se converta. Se, pois, vivia mal, mas já não assim vive, morreu, se vive bem, ressuscitou.

(1) Sl. 87.

(2) Rom 4,25.

(3) Col 3,1.

(4) Sl. 115.

SÔBRE A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Mas, que é viver bem? Saborear o que está no alto, não o que sôbre a terra. Até quando és terra e à terra tornarás? (5). Até quando lambes a terra? Amando-a, lambes, sim, a terra, e te tornas inimigo d'Aquele de quem diz o Salmo: "E os inimigos d'Ele lambeirão a terra".

Que éreis vós? Filhos de homens. Que sois vós? Filhos de Deus."

Ó filhos dos homens, até quando tereis o coração pesado? Por que amais a vaidade e buscais a mentira? Que mentira buscais? O mundo.

4. Quereis ser felizes, sei disto. Dai-me um homem ladrão, criminoso, fornicador, malfeitor, sacrílego, manchado por todos os vícios, soterrado por tôdas as torpezas e maldades, que não queira ser feliz. Sei que todos vós quereis viver felizes, mas o que faz o homem viver feliz, isto não quereis procurar. Tu — buscas o ouro, pensando que com o ouro serás feliz; mas o ouro não te faz feliz. Por que buscas a ilusão? E com tudo o mais que aqui procuras, quando procuras mundanamente, quando o fazes amando a terra, quando o fazes lambendo a terra, sempre visas isto; ser feliz; ora, coisa alguma da terra te faz feliz. Por que não cessas de buscar a mentira? Como, pois, serás, feliz? "Ó filhos dos homens, até quando sereis pesados de coração, vós que onerais com a terra o vosso coração?" Até quando os homens foram pesados de coração? Foram-no antes que viesse o Cristo, antes que ressuscitasse o Cristo. Até quando tereis o coração pesado? E por que amais a vaidade e procurais a mentira? Quereis tornar-vos felizes, procurais, contudo as coisas que vos tornam miseráveis. Engana-vos o que desejas, é ilusão o que buscais.

"Queres ser feliz? Mostro-te, se te agrada, como o serás." Continua ali adiante (no versículo do Salmo): "Até quando sereis pesados de coração- Por que amais a vaidade e buscais a mentira?" "Sabei" — o quê? — "que o Senhor engrandeceu o Seu Santo."

O Cristo veio até nossas misérias; sentiu a fome, a sêde, a fadiga, dormiu; operou coisas admiráveis, padeceu duras coisas, foi flagelado, coroado de espinhos, coberto de escarros, batido com bofetadas, pregado no lenho, vulnerado pela lança, pôsto no sepulcro; mas no 3.º dia ressurgiu, acabando-se o sofrimento, morrendo a morte. Eia, tende lá os vossos olhos, na sua ressurreição; porque tanto quis o Pai engrandecer ao Seu Santo, que o ressuscitou dos mortos e lhe deu a honra de se assentar no Céu à Sua direita. Mostrou-te o que debes saborear se queres ser feliz: pois aqui não o poderás ser. Nesta vida não podes ser feliz; ninguém o pode. Boa coisa a que desejas, mas não nesta terra se encontra o que desejas. Que desejas? A vida bem-aventurada. Mas aqui não reside ela.

Se procurasses ouro num lugar onde não o houvesse, alguém, sabendo da sua não existência, te haveria de dizer: Porque estás a cavar? Que pedes à terra? Fazes uma fossa na qual hás de apenas descer, na qual nada encontrarás.

Que responderias a tal conselheiro? — "Procuro ouro". Êle te dirá: Não nego que exista o que desejas, mas não existe *onde* o procuras.

Assim também tu, quando dizes: "Quero ser feliz; boa coisa queres mas aqui não se encontra. Se aqui a tivesse tido o Cristo, igualmente a

(5) Gen 3,19.

(6) Sl. 4,3.

S E R M ã O D E S A N T O A G O S T I N H O

teria eu. Vê o que Ele encontrou nesta região da tua morte: vindo de outros páramos, que achou aqui senão o que aqui abunda? Sofrimentos, dores, morte. Comeu contigo do que havia na cela da tua miséria. Aqui bebeu vinagre, aqui teve fel. Eis o que encontrou em tua morada. Contudo, convidou-te à Sua grande mesa, à Mesa do Céu, à Mesa dos Anjos, onde Ele mesmo é o pão. Descendo, pois, e tantos males recebendo em tua cela, não só não rejeitou a tua Mesa, mas prometeu-te a Sua.

E que nos diz? Crêde, crêde que chegareis aos bens da minha Mesa, pois não recusei os males da vossa.

Tirou-te o mal e não te dará o Seu bem? Sim, dá-lo-á. Prometeu-nos Sua vida: mas é ainda mais incrível o que fez. Ofereceu-nos a Sua morte; como se dissesse: À minha Mesa vos convido, nela ninguém morre, nela está a vida verdadeiramente feliz; nela o alimento não se corrompe, mas refaz e não se acaba. Ela para onde vos convido, para a região dos Anjos, para a amizade do Pai e do Espírito S a n t o, para a Ceia eterna, para a fraternidade comigo; enfim, a mim mesmo, à minha Vida Eu vos conclamo.

Não quereis crer que vos darei a minha Vida? Retende, como penhor, a minha morte. Agora, portanto, enquanto vivemos nesta carne corruptível, morramos com Cristo pela conversão dos costumes, vivamos com Cristo pelo amor da Justiça; não haveremos de receber a vida bem-aventurada senão quando chegarmos Àquele que VEIO até nós, e senão quando começarmos a viver com Aquele que por nós morreu.

QUEIRAM TOMAR NOTA POR FAVOR

Pedimos às Revmas. Madres Superiores o favor de permitirem que suas professoras de *Canto Sacro* preparem a Missa X "*Liber Usualis*" p. 43 e Crego I, para as nossas Missas Cantadas dêste ano, com as alunas dos Colégios, nas seguintes datas:

1º SEMESTRE

15 de maio — Missa do movimento anual oprmovidado pela A.E.C. que oportunamente comunicará local e hora, por uma circular;

2º SEMESTRE

3 de setembro — festa de São Pio X — Padroeiro do "Instituto Pio X do Rio de Janeiro"

12 de outubro — festa de Nossa Senhora Aparecida — Padroeira do Brasil.

LITURGIA E CONTEMPLAÇÃO

A publicação em francês e sob a forma de livro do artigo que Jacques e Raïssa Maritain escreveram para a revista americana "Spiritual Life" sob o título "Liturgia e Contemplação" fornecem a ocasião para que uma série de estudos estejam sendo publicados em tôda parte sôbre o difícil e tão novo problema das relações da vida litúrgica com a vida mística do cristão. É uma questão candente que estava mais ou menos encoberta, esperando apenas a ocasião para se propor claramente em todos os seus termos. Assim é que autores diversos passam a abordar o assunto com referência mais ou menos próxima ao livro dos Maritain. Sem falarmos nas recensões de revistas européias, que dedicam considerações às vêzes externas ao assunto suscitado pelo livro, fazemos aqui referência apenas a três artigos aparecidos na "Vie Spirituelle" assinados por P. Régamey: "Contemplation ou liturgie?" (Maio 1960); M. Labourdette: "Principes pour la prière liturgique" (idem); B. Bro: "Peut-on se passer de la liturgie?" (Julho 1960), e D.C. Vagaggini "Liturgy and Contemplation" (Worship.. Oct. 1960).

"Liturgie et contemplation" que aparece trinta e cinco anos depois da primeira edição daquele "De la Vie d'Oraison" onde os mesmos autores tão profundamente falaram da natureza da contemplação, é no dizer de Journet, "um pequeno livro, imenso pela densidade e irradiação de sua luz, onde todos os difíceis problemas suscitados pela renovação do movimento litúrgico são resolvidos com maravilhosa segurança" (Nova et Vetera, 1960/p. 69). Os próprios autores apresentam seu escopo: "O tema geral dêste estudo é a conexão íntima que existe entre a liturgia e a contemplação, e que seria tão absurdo querer sacrificar a contemplação à liturgia como querer sacrificar a liturgia à contemplação" (p. 13). Ora, ao terminarmos a leitura de Liturgia e Contemplação, fica-nos a convicção de que o

LITURGIA E CONTEMPLAÇÃO

grande segrêdo daquela “resolução de todos os problemas do movimento litúrgico”, — como um tanto enfaticamente e pouco a maneira Maritain, diz Journet, — bem assim como o grande segrêdo de não sacrificar um dos termos do título ao outro, é a justa e completa definição, a perfeita colocação, com tôda a sua riqueza de nuances, de cada um dos elementos: Liturgia e Contemplação. Razão por que julgamos de capital importância no livro, tudo o que de magnífico se diz ali sôbre uma e outra coisa; e de menor importância o que de entremeio se diz, de modo polêmico, contra uma sistematização pseudo litúrgica, às vezes apresentada sem tôdas as suas características e sutilezas, o que torna a polêmica pouco útil e não livre de seus inconvenientes naturais.

Não há opposição entre Liturgia e Contemplação mas apenas entre uma falsa maneira de compreendê-las, a ambas, e uma reta maneira de o fazer, que só as distingue para uní-las mais perfeitamente. Uma e outra, Liturgia e Contemplação, têm que ser interiorizadas pela ação sobrenatural do Espírito; nêsse caso, ambas são oração do Cristo em seus membros, completam-se, unem-se. Se nelas predominar o aspecto humano em aberta ou disfarçada luta com o Espírito Santificador, então a separação e a luta por uma supremacia será inevitável; os argumentos mais sublimes serão falsamente invocados pela miséria humana à procura de si mesma: ou sob a forma de tirania do social, do comunitário, do exibicionismo teatral, ou sob a forma do psicologismo egoísta, na estéril ilusão de uma interioridade que, falsa e falaz, desperte a idéia de uma vaidosa superioridade. Esboçada assim, de modo um tanto simples ou mesmo simplista, a conclusão mais imediata da questão proposta, passamos a considerar alguns dos aspectos mais marcantes do fecundo estudo de Jacques e Raïssa, sempre dispostos a abrir uma clareira de luz e compreensão em meio aos problemas mais intrincados.

*

* *

As primeiras páginas de “Liturgia e Contemplação” são dedicadas a uma formulação da noção de Liturgia à luz dos ensinamentos da Encíclica “Mediator Dei” do Santo Padre Pio XII. Ao lado da nota essencial de culto externo, é imediatamente salientado pelos autores o aspecto interno da “graça do Espírito Santo operando nos corações” que, segundo Santo Tomás, é o que há de mais fundamental na economia da Nova Aliança. “O culto prestado a Deus pela Igreja é necessariamente um culto exterior, mas é um culto em espírito e verdade, no qual o que importa antes de tudo é o movimento interior das almas e a graça divina nelas operando. Conseqüentemente a litur-

gia católica exige... que as virtudes teologais estejam em ação (soient à l'oeuvre) naqueles que dela participam; a liturgia católica vive da fé, da esperança e da caridade. "*Fide, spe, caritate colendum Deum*, afirmava Sto. Agostinho" (p. 16s.). Ora, sendo a vocação cristã marcada pelo preceito do amor, da tendência à perfeição da caridade; sendo, por outro lado, a alma da participação litúrgica a própria ação das virtudes teologais entre as quais sobressai a caridade; sendo, ainda mais, o centro da vida litúrgica da Igreja o ato mais perfeito da caridade teologal, que parte de Deus para Deus, como o é o sacrifício do Cristo em sua forma incruenta, é compreensível que se conclua ser o culto litúrgico o modo normal e generalíssimo instituído por Deus para que cada homem receba em suas fontes a graça sobrenatural que Cristo conquistou para êle, que receba ali e ali exerça precipuamente a vida teologal de resgatado pelo sangue do Cristo, tendendo à perfeição do amor. Não importa, pois, que o culto em si seja objeto de uma virtude moral infusa, como o mostra Maritain, fundado na doutrina clássica tomista (p. 25 ss.). A mais alta entre as virtudes morais, nada ou bem pouco significaria, na economia da graça, se não levasse imediatamente ao exercício da vida teologal. Ela nada ou bem pouco seria se não informada pela caridade, e o culto por ela regulado seria "morto" sem sua alma que, como vimos, é a vida teologal. Seria pois dêsse corpo informe, dêsse corpo sem alma que falaria nosso livro quando diz: "Seria errôneo concluir que a simples participação na liturgia estabeleceria nossa vida espiritual em um grau mais alto que aquele ao qual a mesma é levada pela união a Deus na contemplação" (p. 29). Compreendendo, ao contrário, a Liturgia em seu quadro eminentemente teologal que informa, envolve e dá sentido à virtude moral que a ordena — como conceber a virtude moral infusa fora dêsse quadro? — diríamos, usando das mesmas palavras citadas, que o grau de nossa participação litúrgica seria precisamente o grau a que nossa alma é levada pela união a Deus na contemplação. Pois, supondo-se que alguém tenha sua vida da graça, que inclui naturalmente as virtudes teologais, superiormente enriquecida pelos dons do Espírito Santo: "duplamente sobrenaturais: não só em sua essência como as virtudes teologais, mas em seu modo de ação", seu grau de vida contemplativa e de união mística com Deus será normalmente seu grau de participação litúrgica. Pois, desde que o Cristo subiu à Cruz, num ato externo de culto e do maior amor que já existiu sobre a terra e desde que plantou esta mesma cruz sobre os nossos altares, todo e qualquer grau de ascensão mística será também um grau de aproximação e de participação daquele ato de culto e de amor que o Cristo com a Igreja continuam a oferecer sobre a terra. Se algum Santo há cuja extraordinária vida contemplativa ou mística parece

LITURGIA E CONTEMPLAÇÃO

colocá-lo a distância dêsse caminho que Deus quis traçar para a santificação dos homens, diríamos que esta não é via comum, diríamos que Deus tem liberdade de escolher seus caminhos, diríamos mais, que a aparência da distância seria uma mera aparência. Como Maritain, que fala de uma vida contemplativa “masquée”, não aparente, como sendo a daqueles que mergulhados na ação são verdadeiros contemplativos pois também impulsionados pelos dons do Espírito Santo em sua rica diversidade, diríamos que aquele santo “não litúrgico” que imaginamos teria uma vida litúrgica “masquée”, não aparente, invisível, mas real.

*
* *

As considerações que ousamos formular — é preciso declará-lo logo — são inspiradas direta ou indiretamente por uma das mais luminosas páginas de Liturgia e Contemplação quando ali se tenta uma subordinação do ato de culto à vida contemplativa. “Não haverá entretanto no culto católico — perguntam os autores — algo que ultrapasse toda medida humana? Sim, certamente. Não somente, com efeito, é essencial ao culto cristão, ao culto em espírito e verdade, pôr em ação as três virtudes teológicas, mas Deus mesmo intervém no culto que lhe é prestado, Deus mesmo está presente no centro da liturgia. O centro da liturgia é a santa Missa, o sacrifício da Cruz perpetuado sobre o altar, a imolação não cruenta na qual, pelo ministério do sacerdote daqui de baixo, o Sacerdote eterno se oferece como vítima a seu Pai; o centro da liturgia é um ato de um valor infinito e infinitamente transcendente, um ato propriamente divino, sem medida comum com as mais altas obras da graça na alma: pois é um ato de Deus (usando da instrumentalidade do sacerdote), não um ato do homem” (p. 27). Concluem daí os autores que “mais uma alma está elevada na contemplação infusa e nas vias do espírito, mais profunda será sua devoção à Missa e mais ardente seu desejo de se unir a ela; de outro lado, para assistir à Missa nas disposições que sejam, de certo modo, proporcionadas ao ato que se realiza no altar, a mais alta contemplação seria requerida”, nunca entretanto suficientemente proporcionada ao mistério divino do altar, (v. p. 27 s.).

A riqueza contida no longo trecho citado nos levará naturalmente a uma consideração que não parecerá menos oportuna no contexto em que nos encontramos. Deus bem sabia da transcendência de seu ato redentor, que sendo um ato interno, em espírito e em verdade, foi também, e muito especialmente, um ato externo, por mais que pudesse parecer inconcebível aos homens e aos anjos a morte física de Jesus, Filho

de Deus, na Cruz. Desde então, há uma como que reabilitação fundamental do sacrifício externo, relativamente ao que êle significava no Antigo Testamento. O culto externo na Igreja estará sempre ligado ao alto valor do culto externo do Cristo no Calvário. Sabendo Deus, dizíamos, da transcendência de seu ato redentor que êle queria fosse perpetuado na ação sagrada do altar, quis que êle tomasse a forma de ceia. Antecipa mesmo, de modo incruento, o sacrifício da Cruz quando no dia anterior àquele em que deveria ser sacrificado "Pridie quam pateretur", institui o Sacramento do seu corpo e do seu sangue, usando como matéria do pão e do vinho, dando-se a si mesmo aos homens como alimento. A presença da Cruz do Cristo em nossas Igrejas está voltada para Deus, certamente, mas aí está para tocar o humano, para procurá-lo, para encontrá-lo, por isso é sacrifício e é Sacramento. É impossível não considerar que a presença cotidiana do Sacrifício da Cruz, está ligada ao poder de cotidianamente termos renovada a ceia memorial do Senhor, de termos o pão nosso de cada dia. Será portanto na base da atividade mais naturalmente compreensível ao homem, na participação da mesa de família, que Deus quer que participemos daquele ato central da Liturgia em que Cristo sacerdote se oferece pelas mãos do sacerdote humano, na Igreja e com a Igreja, como hóstia imaculada ao Pai. Se portanto "o esforço ascético pessoal, a prática pessoal da oração mental, a aspiração pessoal à união com Deus e a docilidade pessoal aos dons do Espírito Santo" são exigidos de nós pela Liturgia, como diz Maritain (p. 28), para estarmos mais à altura daquele ato central da Liturgia, já não diríamos que "a liturgia em si mesma não é suficiente para dar-lhe (à alma) isso" (p. 28). Não se pode esquecer que a estrutura litúrgica da Missa, em seu aspecto pastoral e sacramental, está voltada para a santificação da vida cotidiana do cristão na força do oferecimento do sacrifício de valor infinito e na fecundidade santificadora do alimento sacramental. O movimento litúrgico quis justamente salientar isso: como a Missa deve ser aspirada pelo cristão que vive conscientemente sua vida de cristão no mundo, em qualquer vocação, e, mais ainda, como sua vida de trabalho, de ascese, de oração, de testemunho de santidade numa sociedade paganizada — quantas vezes aqui suas palavras e a firmeza de suas atitudes não são ditadas pelo sôpro livre do Espírito? — como seu viver com Deus e em Deus é conduzido e sustentado na fôrça daquele alimento eucarístico que na ceia do Cristo, na mesa da família êle a recebeu, na fôrça dos textos sagrados que a Igreja falou aos seus ouvidos atentos na Liturgia da palavra, colocou em seus lábios de membro vivo e participantes da grande família de Deus, na Igreja orante. Exatamente sob o ponto de vista de uma cristianização mais extensiva e mais profunda da vida pessoal de cada batizado, esforço ascético, oração indivi-

LITURGIA E CONTEMPLAÇÃO

dual, testemunho no mundo etc., quer parecer-nos que o incentivo à maior participação litúrgica continue a ser o que de melhor se possa aspirar e o meio mais inculcado pelo magistério da Igreja nos últimos tempos. Dessa maneira, a vida litúrgica seria a mestra da vida cristã, seja em seu aspecto ascético, seja mesmo em seu aspecto místico, porque o meio normal da dispensação e do exercício da vida teologal, através da instrumentalidade Sacramental.

*
* *

Uma explicação mais detalhada do que acabamos de dizer, principalmente no que se refere à vida contemplativa, exige o recurso a algumas noções expostas por J. e R. Maritain, que dedicam muitas de suas melhores páginas sobre a natureza da contemplação e da vida mística a que todo cristão é, de certo modo, chamado segundo a doutrina clássica tomista, e a outras noções, principalmente sobre o culto, expostas pelo P. Labourdette que citamos no início deste artigo.

A definição muito geral de contemplação dada pelo grande mestre espiritual do século XVII, P. Lallemant diz que “A contemplação é uma visão de Deus ou das coisas divinas, simples, livre, penetrante, que procede do amor e que tende ao amor... É o emprêgo da mais pura e mais perfeita caridade. O amor é o princípio, o exercício e o termo”, (p. 35).

Ai está o que se entende por contemplação infusa, abstraído-se da variedade apresentada pelos estados de oração e diversos graus de união. A essa contemplação mística assim considerada como um desabrochar normal da graça das virtudes teologais e dos dons do Espírito Santo, todos os cristãos são chamados, ainda que de maneiras e graus muito diversos, segundo a doutrina espiritual tradicional (cf. p. 35). Se ligarmos essa noção à de Liturgia, encontramos, no mesmo livro, referências à insistência com que alguns grandes realizadores do movimento litúrgico afirmam que: “a finalidade do culto — pela Missa e pelos Sacramentos — é o amor” (p. 79). Havendo pois essa coerência da Liturgia e Contemplação, êsse perfeito encontro das forças que levam o homem para Deus, pelo amor, como entender as seguintes palavras: “Honrar a Deus pelo culto em comum e pela virtude de religião é o que pode haver de mais elevado na ordem das virtudes morais. Mas não poderíamos impôr às almas de aí trancarem suas aspirações, nem usar de um bem tão nobre para desviar de outro ainda mais alto que surge diretamente das virtudes teologais e dos dons do Espírito Santo e onde está em jôgo o próprio amor de Deus pelas criaturas que fez à sua imagem” (p. 69)? Evidentemente

não seria possível impôr qualquer limite a que o culto levasse ao fim mais alto, pois se não levasse a êsse fim não seria um autêntico culto que é regulado pela virtude de religião, informada pela caridade e levando à caridade. Dada uma real autenticidade e nobreza do culto não há como impedir que êle chegue à sua plenitude, à união amorosa com Deus, assim como a expressão mais viva do amor de Deus pelas criaturas que maravilhosamente criou e mais maravilhosamente recriou ou redimiu, está no dar a vida por elas que é o próprio conteúdo do Sacrifício do Cristo, único: na Cruz, na ceia com os apóstolos e na ceia cotidiana com o povo que assiste à Missa e recebe o corpo de Cristo. Como impedir que haja contemplação, que haja o vigor das virtudes teologais, que haja plenitude dos dons do Espírito Santo, intimamente unidos com a participação dos fiéis no oferecimento total, interno e externo, pela Igreja, do Sacrifício do Cristo, e na distribuição total, interna e externa dos frutos da Redenção? A contemplação que sai pelas estradas do mundo, como portadora da visão amorosa do Cristo naquelles pequeninos todos nos quais Êle quer ser visto (p. 76); a contemplação que no colóquio *secreto* e sem palavras, "januis clausis" leva a um grau mais alto de vida mística com os sinais característicos de impossibilidade da meditação, de incapacidade de fixação da imaginação em qualquer objeto, de única complacência em se encontrar só com Deus e com Êle unida, conforme a explicação de S. João da Cruz (cf. p. 36), enfim a contemplação que pode levar a movimentos da alma que brotam exclusivamente dos dons do Espírito Santificador (cf. p. 54 s.), a contemplação que pode florir em tão diversas manifestações mas que fundamentalmente é fruto do amor e leva ao amor, essa contemplação, como o próprio Cristo, fez sua tenda entre os homens, ela jorra do Coração aberto do Cristo. A Igreja a recolhe e a distribui quando chama os seus membros e em ato público — nada ali se faz que não seja fundamentalmente de ordem pública — lhes toca o mais íntimo da alma. Realmente só a Caridade une; sem confundir, sabe como interpenetrar Liturgia e Contemplação. O Amor Teologal eis a chave, eis a ponte, eis o que dá vida à contemplação em plena realização litúrgica, absurdo sendo pensar que fôsse preciso deixar a Igreja para poder encontrar Deus, que fôsse preciso calar o canto para começar a rezar e a amar.

*

* *

São de grande oportunidade no presente contexto as considerações do P. Labourdette em seu artigo citado "Principes pour la prière liturgique" que nos fazem ponderar a profunda unidade produzida pela Caridade teologal entre virtudes morais e teologais, assim como

LITURGIA E CONTEMPLAÇÃO

entre a perfeição individual e a glória que é dada a Deus pelo louvor litúrgico. A virtude de religião que está na culminância das virtudes morais é verdadeira e perfeitamente teocêntrica, isto é, imediatamente ordenada às virtudes teologais que são Deus mesmo em nós, conhecido e amado, constituindo assim indissolúvelmente tanto a nossa mais alta perfeição como a mais alta glória de Deus, fora de si mesmo (cf. p. 497). A conclusão magnífica a que chega o autor é deduzida do estudo e comentário de um trecho de Sto. Tomás sobre o culto que prestamos a Deus. Diz o Santo Doutr: "Testemunhamos a Deus honra e reverência, não para seu proveito próprio, d'Ele que é a plenitude da glória a quem a criatura só pode acrescentar o seu nada, mas para o nosso proveito. Pois reverenciar a Deus e honrá-lo é tornar-lhe submisso nosso espírito que encontra perfeição em se subordinar a quem está acima d'ele... Assim o corpo vivificado pela alma" (2-2, 81,7). Esse culto, explica Labourdette, corresponde a uma exigência fundamental dessa Justiça que é a religião. Logo nosso culto tem incontestavelmente como finalidade render a Deus a honra que lhe é devida. "Quando Sto. Tomás diz: honramos a Deus não por ele (propter ipsum) mas por nós (propter nos), Caetano nota que a palavra "propter" designa aqui não mais precisamente a causa final, nem a pessoa a quem o culto é dirigido, mas aquela a quem ele traz proveito: o culto não serve a Deus que d'ele não precisa, mas a nós. Só pode ter efeito em nós. Cumprimento de um dever que nos ordena a Deus para com quem salda uma verdadeira dívida (nisto ele é perfeitamente "teocêntrico") tem êste efeito e, por conseguinte, também êste fim próximo de submeter a Deus nosso espírito. Pois, notai bem o seguinte: é através do que ele produz em nós e por meio disso que o culto atinge a Deus e o agrada que ele é verdadeiramente para sua *Glória*. Esse efeito, é uma submissão, uma aplicação de nosso espírito a Deus Princípio, que permite a união a Ele, união de conhecimento e de amor. O que realiza ativamente esta união a Deus é maior que o culto, empresta-lhe seu verdadeiro sentido e o coroa: são as virtudes teologais e aqui em baixo, em primeiro e último lugar, a caridade. Sem ela, culto algum seria agradável a Deus. Dizer portanto, que o culto é celebrado *non propter ipsum... sed propter nos* é simplesmente dizer que para atingir a Deus da única maneira que lhe seja digna, ele tem que antes passar em nós por um efeito de união a Deus que é seu fim próximo: uma difusão da caridade. A atividade das virtudes teologais é, a uma só vez e indissolúvelmente, nossa mais alta perfeição e a verdadeira *GLÓRIA* que devemos dar a Deus. O fato de ser nossa perfeição não desvia o culto para nós, pois ser perfeito é aderir a Deus como fim e ser-lhe plenamente subordinado. Que seja a verdadeira *glória* que damos a Deus, mostra porque tod

culto deve passar por aí, consumir-se aí, para subir a Deus" (p.495 s.). O culto é assim feito para a caridade, pois só ela o vivifica e o realiza plenamente como culto em espírito e em verdade. Compreendemos assim como aquilo que é ditado pela Justiça em sua forma mais alta, a religião, leve necessariamente à caridade que nos une a Deus, fato êste que constitui a substância mesma da Glória que podemos prestar a Êle. Perfeição cristã, contemplação estão dentro dêsse grande quadro que é marcado e dignificado pelas virtudes teologais, especialmente pela Caridade. Que êsse culto seja externo eis uma exigência da integridade da dívida de Justiça a solver eis uma exigência da totalidade do ser humano onde nada existiu e reviveu sem Deus e onde nada quer ficar fora do seu louvor, eis também, uma exigência do novo canon sacrificial instituído pelo Cristo, morto num sacrifício sangrento. Que êle seja social eis uma exigência da natureza mesma da sociedade instituída pelo Cristo, como seu corpo misterioso, na pluralidade de membros, através da qual Êle distribui as virtudes e dons infusos.

Que êle seja fundamentalmente interno eis uma exigência da espiritualidade do homem e da espiritualidade de Deus. No conjunto amplíssimo dêsse quadro, a vida de culto do cristão se faz dentro da Igreja, nos atos centralizados em torno do sacrifício do amor por excelência, com uma total participação humana de onde não se pode excluir, nem por sombra, uma verdadeira contemplação, que é o protótipo da contemplação, a contemplação litúrgica ou intra-litúrgica como a chama D. Vagaggini.

*
* *

D. Cipriano Vagaggini O.S.B. conhecido hoje por seu livro traduzido em tantas linguas: "Il senso teológico della liturgia" (2.º ed. Roma, 1958), em seu artigo "Liturgy and contemplation" (na revista "Worship", Collegeville, October, 1960, p. 507-523) fala-nos do elemento interno da liturgia que atinge sua plenitude quando simultaneamente é contemplação. "Essa contemplação é assim não algo adequadamente distinto do louvor litúrgico (como se êste consistisse apenas em participação externa), mas é simplesmente seu aspecto interno que atingiu sua perfeição. Sem dúvida, o louvor litúrgico que é essencialmente e simultaneamente interno e externo, é dirigido para tal contemplação como para sua própria perfeição interna" (p. 509 s.). Sem querermos entrar no mérito da explicação teológica esboçada pelo autor segundo a qual a "matéria" mais nobre que pela virtude de religião o cristão oferece a Deus no culto é a caridade (p. 511 ss) o certo é que a caridade está na própria substância do ato de lou-

vor litúrgico, como de tantos modos já o dissemos, e supondo-se, como o fazemos aqui com os Maritain e teólogos tomistas que a perfeição da caridade está em conexão necessária com a contemplação, “não pode haver perfeita participação na liturgia sem contemplação” (p. 519). Eis a grande conclusão de Vagaggini que, no entanto, adverte, repetindo a Encíclica “Mediator Dei”, não pensemos que pelo fato da oração litúrgica possuir a dignidade e eficácia de louvor da Igreja, Espôsa do Cristo (“ex opere operantis Ecclesiae”) não será requerido uma interna conformidade de mente da parte daquele que participa do culto (p. 514). O antiquíssimo e tão simples princípio da Regra de São Bento, quando nos ensina a salmodiar, está em pleno vigôr: “façamos de tal forma que nossa mente concorde com nossa voz”. Como poderia fazê-lo senão enchendo-se do afeto, do fervor da caridade, pois como diz Santo Agostinho em dois textos citados por Vagaggini: “Qui cantat laudem non solum cantat sed et amat eum quem cantat. In laude confitentis est predicatio, in cantico amantis affectio”. Aquele que canta o louvor não canta apenas, mas também ama aquele que canta (Enarratio in Ps. 72,1, P1 36, 914) ou ainda em outro trecho: “Que é o culto de Deus senão o amor de Deus, pelo qual amor, agora desejamos vê-lo, como cremos e esperamos que o havemos de ver?” (De Trinitate, 12, 14; P1 42, 1010). A mente ao aderir ao elemento externo: a palavra, o gesto, ela o faz plena do afeto da Caridade, ela se une a Deus no amor, ela está no mundo externo, social, eclesiástico da Liturgia que a leva ao mundo da contemplação, da união na Caridade.

*
* *

Ao transcrevermos a última frase de Agostinho que diz tudo em duas linhas: define o culto pelo amor que é contemplação, que é desejo, fé e confiança na visão futura, lembramo-nos da grande colaboradora de Jacques Maritain em toda sua obra e especialmente nêsse tão precioso opúsculo que é o centro de nossas considerações nêste artigo. Raïssa adormeceu em grande paz a 30 de Outubro, é assim que por telegrama Maritain comunica o fato a Alceu Amoroso Lima. E essa paz, unitiva de todas as coisas em Deus, que une Liturgia e Contemplação vivificada pelo amor, é essa paz fruto da Justiça e da caridade que aspiramos para nossa liturgia eclesial, enquanto a liturgia celeste convida Raïssa para ser saciada de louvor, mergulhada no silêncio que ela tanto amou.

SALMÓDIA DOS INTRÓITOS

A “Revue Grégorienne” anunciou no seu número de Julho-Agosto 1947, p. 146: *daqui em diante podem-se, sob a fiscalização prudente do Ordinário, “cantar vários versículos do Salmo do Introitos intercalando-se a antífona”*.

A volta dêste uso antigo (1), faz surgir a questão da adaptação das diversas cadências musicais ao texto dos salmos. Esta adaptação, com efeito, não segue as mesmas regras praticadas comumente na salmódia das antifonas do Ofício; é um pouco mais complicada, sendo mais difícil improvisá-la, no decorrer da execução.

O Regente deverá estar familiarizado com as regras; preparar, com cuidado, o número de versículos necessários, e fornecer aos seus cantores uma cópia bem legível.

Para ajudá-lo neste trabalho, codificamos aqui as normas da Edição Vaticana, as que são oficiais e que devemos seguir.

A. PRINCÍPIO GERAL DAS SALMÓDIAS ORNADAS.

A dificuldade desta salmódia não consiste apenas na multiplicidade dos elementos da composição — uma “repetição” ou uma nova “entoação” depois da mediante, vem sempre animar o movimento da segunda parte do versículo — nem na complexidade do desenho melódico, mas principalmente em que o acento tônico não é mais o único fator em causa, na elaboração das cadências.

Em todos os Métodos, no capítulo referente à Salmódia, fala-se apenas em “cadências de um ou dois acentos, de um acento com 1, 2 ou 3 sílabas de preparação” (2), porquanto trata-se unicamente de recitações simples que acompanham as antifonas do Ofício.

Entretanto, ao abordarmos a salmódia ornada, verificamos que o acento perde sua hegemonia; o desenvolvimento musical da cadência prevalece sobre a própria vida da palavra latina, colocando tôdas as sílabas em pé de igualdade: as cadências são então tetrassilábicas, pentassilábicas, etc..., conforme afetem 4 ou 5 sílabas do texto.

(1) Cf. “Revue Gregorienne” n.º 5, September-October 1947 “Les chants de la Messe aux VIII et IX siècles” D. Froger.

(2) Supomos já conhecida a terminologia usual. Cf. “Petit Traité de Psalmodie traditionnelle d’après l’édition Vaticane”, pelos Benedictinos de Solesmes. Desclée et Cie., 1921.

Dois Tons, o 6.^o e o 8.^o, têm uma cadência final de 1 acento e 3 sílabas de preparação. É, pelo menos, a regra adotada na Edição Vaticana. Será ela exata? — Pode-se duvidar.

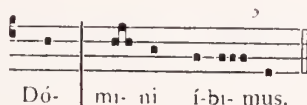
Para esclarecer um pouco esta questão, o exame rápido de um antigo Versicário de St. Gall será de bom auxílio. Este manuscrito, St. Gall 381, é do século XI e traz, sob a notação neumática, o texto dos versículos dos Introitos e das Comunhões (6). Seu testemunho, aliás, não é o único: é corroborado pelos outros manuscritos sangalenses que musicalisam a salmódia, especialmente o Codex Einsiedeln 121 (7).

Qual é, então, o tratamento dispensado à final do 6.^o e do 8.^o Tons, em St. Gall 381?

sicário de St. Gall, a respeito do qual falaremos dentro em pouco, mostra o contrário:

/ / / /	w / - " " P	
in longitú-	di- ne di- é- rum	p. 61
descendén-	ti- bus in lá- cum	p. 72
in á-	tri- a Dó- mi ni	p. 103

Em segundo, porque a Vaticana parece se contradizer quando trata de modo diferente a final do 7.^o tom e a do 1.^o. Estas duas cadências são, contudo, vizinhas, senão idênticas; e não se compreende porque a do 7.^o Tom seria de 2 acentos, quando a do 1.^o é pentassilábica:



Se fôssemos seguir o uso atual do Gradual Cisterciense e do Gradual Dominicano que neste último exemplo antecipam o tórculus para a sílaba acentuada do *Dómini Seriamos* forçados a classificar a final do 7.^o Tom, bem como a do 1.^o, entre as cadências de 2 acentos. Uma vez, porém, que a Vaticana respeitou o pentassilabismo do 1.^o Tom em todas as formas possíveis de acentuação propomos que se faça o mesmo, com o 7.^o, sem levar em consideração o único exemplo acima citado (Sagrada Família), erro provável dos redatores.

- (6) Estas peças indicadas apenas pelo seu *incipit*, têm um número variável de versículos que não são sempre tirados dos Salmos. Mas as regras seguidas para os Introitos e as Comunhões são estritamente idênticas.
- (7) Publicado no Tomo IV da *Paléographie Musicale*.

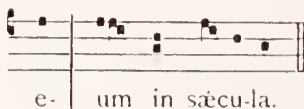
S A L M Ó D I A D O S I N T R Ó I T O S

Para o 6.º, contamos 17 cadências proparoxítonas verdadeira e 3 assimiladas (isto é, tipo doce em) (8). E nas 20 vezes a solução é a mesma:



É o verdadeiro pentassilabismo. O Sol penúltima nota da cadência, não está ligado a sílaba acentuada, ao contrário do que faz a Edição Vaticana.

A final do 8.º Tom mostra também 17 cadências proparoxítonas verdadeiras e 4 assimiladas. As 21 são pentassilábicas. Pode-se ler, por exemplo, duas vezes na página 125 do dito manuscrito:



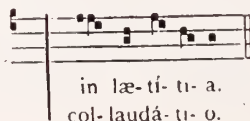
O LA, penúltima nota da fórmula, afeta a penúltima sílaba breve de um dâctilo, do mesmo modo que o acento de um espondeu (9).

Conforme testemunho constante do Versiculário de St. Gall, as finais do 6.º e do 8.º Tons devem, por conseguinte, entrar na regra comum dos 1.º, 2.º, 3.º e 7.º Tons, ou seja: tôdas estas cadências são pentassilábicas.

Resta então o 5.º Tom, cuja final se adapta sempre aos dois últimos acentos do texto. A versão Vaticana está apoiada aqui pela maioria dos documentos. Esta anomalia é sem dúvida, surpreendente, mas é um fato. Praticamente, pois, não existe salmódia ornada do 5.º Tom. Nos outros

(8) Deixamos de lado a cadência *Jerusalém* da página 124 do Manuscrito de St. Gall, pois a acentuação desta palavra variou. Cf. *Revue Grégorienne*, 1946, Mars-Abril p. 73. Realmente, em nosso manuscrito, p. 106, uma mediante do 7.º Tom acentua: *Jerusalem.*

(9) Na p. 119 do Codex St. Gall 381, encontravamos dois exemplos em que a penúltima breve recebe uma clivis. O que provavelmente na pauta se traduz assim:



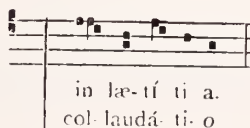
Tons, a salmódia simples e a ornada diferem entre si não só pelo desenvolvimento melódico, mas também pelas regras de sua composição (10); no 5.º Tom, pelo contrário, vê-se apenas uma pequena variação (além da única nota da retomada): a final é estritamente idêntica nos dois casos (com 2 acentos), e a mediante orna-se apenas com uma espécie de antecipação melódica (a sílaba que precede o último acento cliveando-se, como êle, ao grau superior). Em suma, temos aqui uma salmódica simples que foi ligeiramente ornada afim de se adaptar ao estilo mais solene dos Introitos e das Comunhões.

Só o 5.º Tom constitui uma exceção; e podemos, então, verificar que os sete outros Tons eram, sua origem, fiéis ao princípio das salmódias ornadas: a cadência de mediante ficou sempre submetida à lei do acento, mas a final, nunca.

B. REGRAS PRÁTICAS ADOTADAS PELA VATICANA.

Para atingir o fim prático a que nos propusemos, o mais simples será passar em revista agora, os oito Tons salmódicos, indicando para

Este arranjo discreto está totalmente dentro do estilo geral das antifonas e das outras peças neumáticas do repertório gregoriano; e — fato notável — isto não contradiz o caráter pentassilábico da cadência. Tão pouco é uma irregularidade nesta fórmula estereotipada. Nosso espanto diminuirá quando observarmos, na página seguinte (120), uma segunda “irregularidade”, ela também repetida duas vezes, e que consiste em ornar com uma clivis o último acento da mediante do 3.º Tom, enquanto, em qualquer outra parte, encontra-se apenas um punctum. O copista do nosso manuscrito deve ter estado um pouco distraído neste trecho, ou então consultou fonte diferente. Aliás se quisermos estar inteiramente seguros, basta verificar que os dois textos litúrgicos foram postos em notação da maneira mais regular, o primeiro na p. 62 e o segundo na p. 110:



Não há, pois, aqui, nenhum problema especial.

- (10) Acabamos de lembrar, com efeito, que na salmódia simples, o acento se impõe em toda parte; enquanto na salmódia ornada, se êle tem ainda alguma influência na cadência de mediante, perde-a totalmente na final (tetrassilábica, pentassilábica, etc...).

S A L M Ó D I A D O S I N T R Ó I T O S

cada um as regras seguidas pela Vaticana, ilustrando esta explicação com exemplos escolhidos em todos os gêneros de acentuação (11).

1.º TOM

Entoação — adapta-se às 2 primeiras sílabas do versículo.

Mediante — com 2 acentos (o segundo som superveniente antecipada).

Retomada — compreende as 2 primeiras sílabas depois do asterisco.

Final — pentassilábica, afetando as 5 últimas sílabas do versículo.

Cf. os Introitos: “Inclina” ... “Scio” — “Dóminus secus máre” — “Exclamavérunt” — “Da pacem”.

2.º TOM

Entoação — adapta-se às 3 primeiras sílabas do versículo.

Mediante — 1 acento com 3 sílabas de preparação.

Retomada — compreende as 2 primeiras sílabas depois do asterisco.

Final — pentassilábica, afetando as 5 últimas sílabas do versículo.

Cf. os Introitos: “Me exspectavérunt” — “Ecce advénit” — “Cibávit eos” — “Dóminus fortitudo”.

3.º TOM

Entoação — adapta-se às 2 primeiras sílabas do versículo.

Mediante — 2 acentos (o segundo com uma superveniente antecipado).

Retomada — codpreende as 2 primeras sílabas depois do asterisco.

Final — pentassilábica, afetando as 5 últimas sílabas do versículo.

Cf. os Introitos: “Sacerdótes tui” — “Cáritas Déi” — “Edce oculi” — “Illuxérunt”.

(11) Havendo ocasião daremos cadências verbais oxítonas, afim de mostrar que elas também recebem tratamento normal: nunca há, aqui, cadências melódicas “rompidas”.

4.º TOM

Entoação — *adapta-se às 2 primeiras sílabas do versículo.*

Mediante — 1 acento com 3 sílabas de preparação.

Retomada — *codpreende as 2 primeras sílabas depois do asterisco.*

Final — *tetrassilábica (12), afetando as 4 últimas sílabas do versículo.*

Cf. os Introitos: “Misericórdia” — “Exaudívit” — “Déus in nómine”.

5.º TOM

Entoação — *adapta-se às 2 primeiras sílabas do versículo.*

Mediante — 1 acento com 1 sílaba de preparação.

Retomada — *compreende a primeira sílaba depois do asterisco.*

Final — *com 2 acentos.*

Cf. os Introitos: “Ecce Déus” — “Déus in loco” — “Loquebar” (C. Virg.) — “Loquebar” (29 Ag.).

6.º TOM

O 6.º Tom é o único verdadeiramente complicado; em primeiro lugar porque a Vaticana empregou uma regra variável para a cadência de mediante; e depois porque a segunda parte do versículo tem normalmente 2 cordas de recitação, possuindo, então, 2 cadências.

Mediante — *A edição oficial assinala com efeito:*

Cf. os Introitos: “Exsultáte Déo” — “Onnes géntes”.

e que faz da mediante uma cadência de 1 acento com 3 sílabas de preparação. Mas por outra parte escreve:

Cf. os Introitos: “Réspice in me” — “Sacerdótes Déi”.

fazendo assim uma cadência de 2 acentos com 1 sílaba de preparação (13).

O problema pode ser simplificado, sem dúvida, apoiando-se nas autorizações legítimas dadas recentemente para os casos análogos — a sa-

(12) Com esta expressão não queremos determinar a origem cursiva da cadência, mas simplesmente indicar que de fato, as 4 últimas sílabas são as únicas a serem cantadas fora do teor.

(13) Esta diferença de apresentação conforme a acentuação das palavras, foi empregada várias vezes pela Vaticana (conforme os

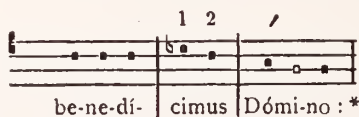
S A L M Ó D I A D O S I N T R Ó I T O S

ber: a mediante solene do 1º. Tom para o Magnificat e o Benedictus, e a mediante do Tom peregrino. Tudo se torna fácil então; e nossa mediante entra assim na categoria normal das cadências de 1 acento com 3 sílabas de preparação (14).

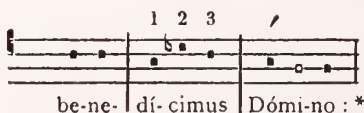
Cadência intermediária — A outra complicação resulta da dupla corda de recitação na segunda parte do versículo, o que acarreta duas cadências diferentes. A primeira recitação faz-se no LA (dominante) (15) e termina numa cadência que tem um só acento. Esta cadência é

exemplos dados pelo *Cantorinus* p. 52, para a cadência final das Lições que terminam sem o *Tu autem*) Se este modo de fazer não carece de fundamentos, falta muito para que elle se imponha sob o ponto de vista tradicional; em todo caso este uso é evidentemente muito pouco prático por causa das dificuldades de execução.

- (14) Parece estabelecido pela tradição manuscrita que esta cadência, em sua origem, era de 1 só acento, primitivamente. As notas de preparação eram, sem dúvida, em número de duas (Si bemol e LA) o SOL aparecendo como adjunção posterior. St. Gall 381 é a favor desta opinião do mesmo modo que Einsiedeln 121. Realmente encontramos ali mediantes em tudo semelhantes às que o *Cantorinus* na p. 49-43 indica para o Tom peregrino:

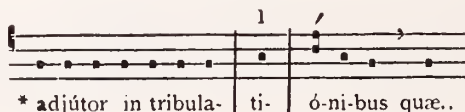


Com o SOL (que eleva para 3 o número de sílabas de preparação) temos o equivalente exato da solução proposta — e legitimamente aprovada — para o mesmo caso nas edições solesmenses:



Um disparate resultará, infelizmente, desta maneira de fazer, pois a primeira mediante (*Spiritu Sancto*) do *Glória Patri* será cantada, segundo a Vaticana, com 2 acentos. É pena; mas talvez seja melhor passar por cima para maior facilidade da adaptação e melhor harmonia das regras.

- (15) Para esta recitação no LA a Vaticana seguiu, ao que parece, a maioria dos manuscritos. Entretanto alguns documentos de valor recitam no FA. Assim St. Gall 381 escreve na p. 114:



D O M E . C A R D I N E

de transição apenas: conduz à segunda recitação no FA (tônica), razão pela qual ela não tem uma individualidade marcada. Seu ponto de articulação varia segundo a natureza das palavras: as paroxítonas articulam-se no SOL:

The musical notation shows two staves. The first staff has a treble clef and a key signature of one flat. It contains two measures. The first measure has a quarter note on G4 (labeled '1') and a quarter note on A4 (labeled '2'). The second measure has a quarter note on G4 with an accent mark (^) above it, followed by a half note on G4. The second staff is a vocal line with lyrics. The first line is 'Hodie sciētis. * orbis ter-rarum, et u-ni-vērsi'. The second line is 'Jūsti epulēntur * et fū-giant qui odērunt é-um, a fácie ...'. The asterisks indicate the start of the final syllable of the preceding word.

e as proparoxítonas no FA:

The musical notation shows two staves. The first staff has a treble clef and a key signature of one flat. It contains two measures. The first measure has a quarter note on G4 (labeled '1') and a quarter note on A4 (labeled '2'). The second measure has a quarter note on G4 with an accent mark (^) above it, followed by a half note on G4. The second staff is a vocal line with lyrics. The first line is 'Os jūsti. * neque ze-láve-ris faci-ēntes ...'. The asterisk indicates the start of the final syllable of the preceding word.

Esta cadência que chamamos de “intermediária”, se faz na subdivisão do texto que o sentido indicar como o mais importante — o que dá ocasião para interpretações diversas. De qualquer maneira a segunda recitação no FA liga-se intimamente ao que precede, para conduzir à cadência final.

Vejamos, então, como se organiza normalmente nossa salmódia do 6.º Tom;

Entoação — adapta-se às 3 sílabas do versículo.

Mediante — pode ser feita sempre com 1 acento e 3 sílabas de preparação.

Retomada — Compreende as 2 primeiras sílabas depois do asterisco.

Cadência intermediária — ou cadência de transição entre as duas cordas recitativas — é exclusivamente de 1 acento.

Final — 1 acento e 3 sílabas de preparação.

Cf. os Introitos: “Os jūsti” — “jūsti epulēntur” — “Sacerdótes Déi” — “In médio”

A extensão deste teor é, de fato inteiramente excepcional. Em geral o texto aqui é muito curto, de sorte que a diferença das cordas de recitação é apenas sensível.

(16) Este exemplo e os seguintes estão incompletos por apresentarem anomalias, explicadas em outro local. Citamos apenas, em virtude de sua final proparoxítona.

O 5.º exemplo está entre parêntesis porque não se encontra na Vaticana. Era necessário buscar fora dela este caso de acentuação na mediante — afim de não contradizê-la de modo formal.

S A L M Ó D I A D O S I N T R Ó I T O S

7.º TOM

Entoação — *adaptação às 2 primeiras sílabas do versículo.*

Mediante — *2 acentos (o segundo com superveniente antecipada).*

Retomada — *compreende as 2 primeiras sílabas depois do asterisco.*

Final — *pentassilábica, afetando as 5 últimas sílabas do versículo.*

Cf. os *Introitos*: “Réspice Dómine” — “Ne timeas” — “In virtúte tua” — “Júdicant”.

8.º TOM

Entoação — *adapta-se às 3 primeiras sílabas do versículo.*

Mediante — *1 acento com 3 sílabas de preparação.*

Retomada — *codpreende as 2 primeras sílabas depois do asterisco.*

Final — *1 acento com 3 sílabas de preparação.*

Cf. os *Introitos*: “Laetábitur” — “Ad te levávi” — “Invocábit m^o” — “Lux fulgébit”.

O quadro seguinte resume as regras que acabamos de expor, permitindo uma verificação rápida.

	Entoação	Mediante	Retomada	Final
1.º Tom	2 sil.	2 acentos	2 sil.	5 últimas sil.
2.º Tom	3 sil.	1 ac. 3 sil. prep.	2 sil.	5 últimas sil.
3.º Tom	2 sil.	2 acentos	2 sil.	5 últimas sil.
4.º Tom	2 sil.	1 ac. 3 sil. prep.	2 sil.	4 últimas sil.
5.º Tom	2 sil.	1 ac. 1 sil. prep.	1 sil.	2 acentos
6.º Tom	3 sil.	1 ac. 3 sil. prep.	2 sil.	{ a) 1 acento b) 1 acento 3 sil. prep.
7.º Tom	2 sil.	2 acentos	2 sil.	5 últimas sil.
8.º Tom	3 sil.	1 ac. 3. sil prep.	2 sil.	1 acento 3 sil. prep.

(*Continua*)

Tradutora: *Jacy de A. Magalhães,*

FALANDO DE LITURGIA

A QUARESMA PREPARAÇÃO PARA A PÁScoa

Com a restauração da Semana Santa repetem-se por tôda parte convites para fazer-se da Quaresma uma preparação à celebração da Páscoa.

Mas é preciso entender-se bem qual o tipo a dar-se a esta preparação: a Quaresma não deve ser consagrada a uma simples explicação das particularidades litúrgicas da semana santa, não poderia consistir em um prolongado ensaio de cerimônias ou no aperfeiçoamento de um repertório de cantos. A Quaresma é um tempo sagrado que se articula com a celebração pascal, introduzindo as almas mais profundamente no mistério da salvação. Consiste numa preparação purificadora de tôda a comunidade cristã, segundo os próprios termos da liturgia da noite pascal, preparação ao fim da qual renovará a comunidade sua promessa de "servir fielmente na Santa Igreja Católica" por sua comunhão com Cristo morto e ressuscitado. Trata-se, então de "celebrar" a Quaresma por ela mesma. Mas, para entrar generosamente em sua celebração, é preciso tomar consciência de sua progressão interna. Não consiste em seis semanas uniformes de missas estacionais e de penitência. Comporta uma verdadeira preparação para a Páscoa, que êste artigo deseja tornar compreensível.

A história da elaboração da Quaresma esclareceria certamente a organização de sua estrutura. Podemos citar pelo menos alguns pontos de referência: Ela nos dirá, por exemplo, que a Quaresma termina na tarde de quinta feira santa. Com a missa "in Coena Domini", começa a Páscoa e os Padres da Igreja colocaram em relevo a diferença entre o jejum penitencial da Quaresma e o jejum de espera do Tríduo pascal. Mas se a quinta-feira santa sempre marcou o término da Quaresma, esta nem sempre começou uniformemente no 6º domingo antes da Páscoa. A Igreja romana conheceu uma Quaresma de 3 semanas começando no Domingo "Laetare" e inaugurando a leitura contínua do evangelho de são João que se estenderá até Pentecostes. Quando as seis semanas da Quaresma puderem parecer muito longas, não é inútil lembrar que a Igreja conheceu uma duração penitencial talvez melhor adaptada ao nosso ritmo de vida.

Como se apresenta atualmente no Missal romano, a Quaresma comporta três séries de duas semanas muito diferenciadas:

F A L A N D O D E L I T U R G I A

Primeira e segunda semanas: A PENITÊNCIA.

As duas primeiras semanas da Quaresma, às quais é preciso acrescentar o prelúdio da quarta-feira de Cinzas, são caracterizadas, antes de tudo, pelo apêlo à penitência, sob a forma tradicional da oração, do jejum e da esmola.

Poder-se-ia perguntar como a oração é uma forma de penitência. É penitência um filho falar a seu Pai? A Igreja conhece a fraqueza do homem; ela não admite angelismo. Sabe que nos é duro fazer silêncio, por-nos diante de Deus vivo, tomar consciência perante Ele de nossa condição pecadora. A oração a qual nos convida é a um tempo oração pessoal, leitura da Palavra de Deus, e oração coletiva. A liturgia estacional cotidiana tem por fim reunir em assembléia diariamente os cristãos. O uso atual da missa cotidiana nos faz talvez esquecer o que a Quaresma apresentava outrora de mais característico: a reunião cotidiana da comunidade para a Eucaristia.

O jejum e a esmola são duas realidades que não se separam no pensamento da Igreja: "Nós vos ordenamos jejuar tôdas as quartas e sextas feiras, declara no III século a "Didascália dos apóstolos", e dar aos pobres o que tiverdes separado graças ao vosso jejum". Há aí um valor fundamental e universal para a vida do cristão. Nestes últimos tempos, vimos desaparecer por etapas sucessivas o velho edifício das "obras de penitência" das quais não nos resta mais que o sinal formal da abstinência da sexta feira. É preciso, com a máxima urgência, que reencontremos o espírito de penitência que consiste em se privar para dar. O espírito de penitência torna-se assim o grande educador da caridade, cria uma comunidade fraternal. O esforço primeiro para restaurar a Quaresma deve consistir em dar a esta restauração um espírito do qual ninguém pode ser dispensado: podemos ser dispensados de uma lei, (da abstinência, por exemplo), nunca de um espírito.

Ao mesmo tempo que nos convida à penitência pela voz dos profetas e de São Paulo, a Igreja coloca sob nossos olhos os três grandes modelos de penitentes: Moisés, Elias e o próprio Jesus (leituras da quarta-feira das Quatro Têmporas, missa do primeiro domingo) que encontramos reunidos na cena da transfiguração não por acaso: a penitência é de uma eficácia transfigurante. O exemplo de Jesus e seu ensinamento sôbre a maneira de jejuar (evangelho da quarta-feira de Cinzas) nos dão o modelo da penitência cristã: se é vivificada pela oração e orientada para o dom de si não poderá ser triste. A imposição das cinzas com o "lembra-te, homem, que és pó" não revela o verdadeiro espírito da Quaresma cristã. O sentimentalismo do século XIX deu a êste rito recente uma importân-

F A L A N D O D E L I T U R G I A

cia exagerada. Como não invejar os Orientais que, tomando à letra a palavra de Jesus: "Quando jejuares, perfuma-te a cabeça", recebem sôbre a fronte, no limiar da Quaresma, uma unção com o "óleo da alegria"?

Terceira e Quarta semanas: A PREPARAÇÃO BATISMAL.

No tempo de são Leão Magno (+ 461), o terceiro, quarto e quinto domingos da Quaresma eram consagrados aos três escrutínios preparatórios do batismo e marcados pela leitura dos evangelhos da Samaritana, do cego de nascença, da ressurreição de Lázaro, cuja passagem para missas de semana é de lamentar-se, por serem tão ricos de ensinamento.

A presença de catecúmenos em uma comunidade dá todo sentido à preparação coletiva para a Páscoa, a partir do terceiro domingo. É preciso insistir neste caráter comunitário da preparação litúrgica do batismo. Não se trata sômente de um ensinamento sôbre a fé àquele que se prepara para o batismo, mas de o introduzir em uma comunidade de oração e de caridade. É, aliás, na medida em que a comunidade tiver levado à sua oração e à sua solidão, um ou vários de seus futuros membros, que ela poderá dar-lhes um lugar vital na manhã de Páscoa.

Se não tivermos que preparar batismo de adulto para a Noite pascal, pelo menos esta comportará a renovação das promessas batismais. É nesta perspectiva que nós temos de nos colocar cada ano na escola do Senhor, a fim de "progredir na inteligência do mistério do Cristo" (Sacramentário gelasiano). A Quaresma deve revigorar nossa fé, restaurar-nos em nossa atitude fundamental de filhos de Deus, fazer-nos tomar consciência de nossa missão na Igreja. E por isto que ela constitui o tempo privilegiado da catequese cristã, da iluminação.

Quinta e sexta semanas: A PAIXÃO.

Até o fim da Idade Média, a semana santa era a única semana da Paixão. A restituição ao domingo de Ramos de seu título antigo de domingo da Paixão é uma etapa para a supressão do "Primeiro domingo da Paixão", que voltará a ser o quinto domingo da Quaresma. Mas, no momento, somos convidados a contemplar o Cristo, durante a última quinzena da Quaresma na sua função sacerdotal de "Mediador da nova Aliança" (epístola do primeiro domingo da Paixão) enquanto que as leituras de Jeremias, do Servo sofredor e do salmo 21, nos primeiros dias da semana santa, nos fazem penetrar no íntimo de Sua alma. A valorização, do aspecto

triumfal do cristianismo não deve nos fazer esquecer que êle é também comunhão com o Cristo crucificado. O Apóstolo São Paulo que proclamou com tanto vigor nossa vitória coletiva em Jesus ressuscitado, foi também quem disse: "Eu estou preso à Cruz do Cristo". A quinzena da Paixão é tôda orientada para esta tomada de consciência.

É à luz da cruz de Cristo, que cada um de nós deve acabar, no término da Quaresma, de descobrir seu estado pessoal de pecador e sua solidariedade com o pecado do mundo. Durante séculos a quinta-feira santa, término da Quaresma, comportou o rito da reconciliação dos penitentes. Os primeiros dias da semana santa devem continuar a ser dias de reconciliação com Deus e com a Igreja pela recepção do sacramento da Penitência, de maneira que, purificados do velho fermento para ser uma nova massa, celebraremos a festa com ázimos de pureza e de verdade (I Cor 5,7-8).

Talvez seja bom terminar essas reflexões insistindo de novo no fato de a Igreja ter querido santificar a Quaresma antes de tudo pela missa cotidiana. O que quer dizer que, para ela, o meio privilegiado de operar nossa conversão, nossa volta a Deus, consiste na oração coletiva, na audição coletiva da Palavra de Deus, na celebração coletiva da Eucaristia. Sem dúvida, alguns poderão sentir-se muito à margem duma tal celebração da Quaresma, mas quaisquer que sejam nossas possibilidades concretas de resposta, o convite da Igreja é demasiado nítido para não lhe apreendermos tôda a importância: em qualquer lugar em que se possa reunir alguns cristãos, que se o faça; se não fôr possível a Eucaristia, resta sempre a possibilidade de alimentar-se da Palavra de Deus, sempre a possibilidade de rezar juntos ao Senhor que perdoa as faltas, que reúne os homens e que, da morte, faz ressuscitar a vida.

PIERRE JOURNAL

(Traduzido de "Ntes de Pastorale Liturgique" Jan. — Fev. 1958, p.5-10, por L. C.).

ESCLARECIMENTOS PEDIDOS

73. Como introduzir o Canto Gregoriano em uma Paróquia? — é necessário:

- a) alguém, ao menos um alguém que conheça a teoria gregoriana;
- b) não perder a paciência para obter os princípios essenciais, base de todo edifício sólido: repetir, explicar, repetir pacientemente;
- c) no principio fazer executar peças fáceis do Ordinário das Missas: *Kyrie, Sanctus, Agnus* (o *Glória e o Credo* por serem silábicos, são mais difíceis);
- d) formar uma "Schola Cantorum" que cantará primeiro um Allelúia, uma Comunhão. Reservar as partes mais difíceis Gradual, Ofertórios — para os Coros já bem formados;
- e) obter de Sacerdotes conhecedores da Arte Gregoriana curtas conferências com audição de discos comentados litúrgica e musicalmente.

Depois, trabalhar pacientemente; mas sobretudo, sob o interesse e assistência do Pároco que "conhece suas ovelhas e suas ovelhas o conhecem": sem seu apóio constante e incentivoção santa nada podemos fazer.

74. Não é no sentido de afetividade que falamos sempre: "tratem com *carinho* o 3.º tempo de um grupo ternário. Carinho aqui tomamos por *cuidado especial*. De fato. O 3º tempo deve ser levantado em arsis elemental, unária, para cair no 1º tempo seguinte, na thesis em que se repousa êste movimento de ondulação, melódica e verbal.

75. As cadências finais devem ser depositas virilmente embora com suavidade. Duas coisas que se podem bem unir: firmeza e doçura. O que não se pode admitir é certo preciosismo no modo fôfo, adocicado, artificial de depor a thesis final. Guerra a todo exagêro, subjetivista principalmente! Oração, precisão, firmeza, doçura e arte se entendem e se completam muito bem.

76. A notação puramente neumática não dá precisão aos intervalos, era apenas um auxílio para a memória dos cantores. Os primeiros escribas, pois, notavam, de modo vago, neste sentido, uma *tradição oral*. Havia, pois, imprecisão no sistema neumático: a verdadeira natureza exata dos intervalos só apareceu

ESCLARECIMENTOS PEDIDOS

mais tarde com certa diastematização. Aliás os manuscritos em linhas já notam intervalos também baseados na tradição oral e não na simples leitura interpretativa dos neumas; esta nova escrita não era, aliás, um critério modal (só as relações é que contam). Às vezes a escrita se via impotente para traduzir a tradição oral, porque era muito pobre em sinais de tradução musical.

77. A solmização e, portanto, as “mudanças” interessa a *leitura solfégica*; não se refere, precisamente, à notação. Diz-se, solmizando, DO-RE-MI-FA-SOL-LA, tendo semiton MI-FA para qualquer dos três hexacordes. Solfeja-se SOL-FA-MI-RE como se fosse RE-DO-SI-LA, conservando os mesmos intervalos. Mas o escriba não grafava no papel esta fórmula no Hexacorde Natural.

Logo, os escribas fizeram uma espécie de *ditado* musical de acôrdo com o que ouviam; eis porque ficaram muitas vezes impotentes diante da pobreza da escrita de então. Somos nós que comparando os neumas puros com a escrita em pauta damos aos neumas a necessária precisão.

Irmã Marie Rose Porto O.P.

VIDA DO INSTITUTO PIO X

O CANTO GREGORIANO NO COLÉGIO DE SANTA INÊS

(das Salesianas da Cidade de S. Paulo)

Há oito anos tenho a responsabilidade da parte musical do Colégio de Santa Inês: música sacra, escolar, recreativa.

As alunas gostam do canto, pois, no sistema educativo de São João Bosco, êle ocupa um lugar de destaque. Graças a isto, temos apresentado boas execuções, tanto no campo religioso (missas em estilo polifônico), como no campo profano (cantos orfeônicos a várias vozes).

Sentia, porém, em minha formação musical, uma lacuna e, nas nossas festas religiosas, faltava algo que não me deixava à vontade e satisfeita: o canto litúrgico por excelência, o Canto Gregoriano, não era conhecido e, conseqüentemente, não era apreciado. De quem a culpa? Não me atrevia a penetrar num campo completamente desconhecido.

Um dia manifestei minha dificuldade à nossa Madre Visitadora e ela me deu uma resposta ordem. — “Logo que souber de algum curso de Gregoriano, matricule-se”. Nosso Senhor ouviu esta conversa, e inspirou aos dirigentes do Instituto Pio X do Rio de Janeiro uma Semana Gregoriana em São Paulo.

Abriu-se para mim a porta dêste mundo desconhecido e nós Salesianas Filhas d'Aquêle que disse: “A minha maior satisfação é, num dia de festa, ouvir os meus alunos cantarem uma missa em Gregoriano”, acorremos pressurosas com a maior boa vontade e desejo de aproveitar ao máximo. Dizer das impressões da semana, penso não ser preciso, pois são as mesmas de todos que já se manifestaram nos seus relatórios: entusiasmo, elevação espiritual aliada à técnica mais perfeita, em estudos sérios e profundos.

Os professôres estão de tal forma imbuidos na vida litúrgica da Igreja, que os alunos não resistem a tanta irradiação e se deixam contaminar.

Já frequentei três semanas Gregorianas e faço o Curso por Correspondência que tem a vantagem de fixar e desenvolver o já aprendido. Ciente de que todo estudo é infrutífero sem a prática, comecei

desde o 1.º ano o ensino do Canto Oficial da Igreja. Iniciamos o estudo da Semana Santa e, há três anos, o Gregoriano vem substituindo os cantos antigos que eram executados em tais solenidades.

As primeiras partes que impressionaram vivamente foram as da missa de Quinta feira Santa. Sentia-se na capela uma atmosfera diferente, e os espíritos impregnados pelas suaves melodias que se elevavam mais e mais até as regiões celestes!

O canto não era belo e parecido com uma execução de Solesmes ou dos alunos do Instituto Pio X. Eram os primeiros ensaios de um grupo reduzido e incipiente; a semente estava lançada. (1958)

Na semana de 1959 ouvimos o apêlo do Santo Padre para que se ensinasse no mundo inteiro as missas XV e XVI. Como ficar indiferente após ter recebido dos professôres a técnica perfeita, tendo à frente um campo promissor — o ambiente de um Colégio? — Apenas iniciado o ano letivo em cada classe foi lançada a idéia: uma missa cantada por tôdas as alunas na grande festa da Revda Madre Inspectora. Foi um trabalho lento, um exaustivo e nem sempre correspondido, porém feito com muito amor. Animavam-se as palavras de Pio XII de saudosa memória. “T o d o s q u a n t o s c o m p o e m m ú s i c a s e g u i n d o o s e u p r ó p r i o t a l e n t o a r t í s t i c o , o u a d i r i g e m o u a e x e c u t a m v o c a l m e n t e , o u p o r m e i o d e i n s t r u m e n t o s m u s i c a i s , t o d o s ê s t e s , s e m d ú v i d a , e x e r c e m u m v e r d a d e i r o e r e a l a p o s t o l a d o . . . e p o r i s s o r e c e b e r ã o e m a b u n d â n c i a d e C r i s t o N o s s o S e n h o r , a s r e c o m p e n s a s e a s h o n r a s r e s e r v a d a s a o s a p ó s t o l o s , n a m e d i d a e m q u e c a d a u m h o u v e r d e s e m p e n h a d o f i e l m e n t e o s e u c a r g o (“ E n c í c l i c a M u s i c a e S a c r a e D i s c i p l i n a ” n . º 1 7) .

Não me desanimavam as primeiras reações das alunas, habituadas a outros gêneros musicais, com os ouvidos ainda cheios das melodias populares ouvidas nas férias.

Estava santamente decidida a fazer vencer o Canto Gregoriano. Para conseguir o fim desejado, lançava mão de todos os meios: falava sobre a sua beleza e superioridade; por meio de cartazes incitava a cantá-lo com piedade, aduzia às vantagens espirituais para os que o fazem bem etc. . .

Foi enviado um convite ao Revmo. Diretor do Instituto Pio X D. João Evangelista Enout, O.S.B., para que viesse reger a missa. Não tivemos a consolação de ter entre nós, o regente desejado, porém sua carta, posta à vista para que todos a lessem, despertou mais entusiasmo e para mim foi um conforto, uma nova energia.

Os resultados, se não foram perfeitos, foram ótimos! 750 vozes em perfeita igualdade num ritmo fluente e delicado entoaram na festa da Maternidade de Nossa Senhora, os louvores a Deus, na língua e na melodia que Ele melhor entende.

Escutei dizer: -- "Como a Missa passou depressa"! É verdade, as alunas estavam santamente entretidas, em íntima comunhão com o Sacerdote que oferecia a Deus, o Santo Sacrifício.

1959 terminou. Cantamos em Gregoriano o próprio da Imaculada — novena do Santo Natal. A Semana Gregoriana de 1960 despertou novo entusiasmo e apesar de muitos contratemplos, bastante se fez no decorrer do ano: Semana Santa, repetição da missa do ano anterior, no dia 24 de maio. Após as férias de agosto, depois de termos cantado em Gregoriano algumas partes da missa já citada, comecei a ensinar nas classes (não tenho escrúpulo de tomar parte das aulas para o Gregoriano) o *Kyrie, Sanctus, Benedictus* e *Agnus Dei* da Missa IX. O trabalho foi muito mais suave, pois as meninas já haviam experimentado como é bom cantar a missa. No dia 15 de outubro apresentamos as mesmas partes bem sabidas, até memorizadas.

No próximo ano, se Deus quiser, as alunas aprenderão o *Glória* para , no dia 24 de maio, "*Cum jubilo*", poderem louvar a nossa Rainha-Auxiliadora dos Cristãos.

Em outubro ainda, na Igreja da Santa Efigência, durante a Semana Eucarística cantamos na missa festiva, algumas partes da Missa IX.

Na festa de Todos os Santos foi cantada, pelas internas, Irmãs e Postulantes, a missa aconselhada por Roma para ser a missa universal, católica (XV, XVI).

Dia 8 de dezembro, de novo partes variáveis em Gregoriano. Como é bonito também o contraste: Missa em estilo polifônico ao lado da suavidade etérea do Gregoriano.

Ele não fica inferior, pelo contrário! — As partes variáveis das missas, deixo-as sempre para um grupo selecionado que serve de modelo para as meninas. Elas gostam de ouvir e imitar religiosas que dêle fazem parte. Enfim, não pretendo parar, pois, não se pára no meio do caminho. O Canto Gregoriano é sublime demais para nos contentarmos com a mediocridade. Avançarei sempre, certa de estar fazendo a vontade de Deus. Muitas vezes penso: se o Canto Gregoriano não conquistou ainda a totalidade, é porque a sua prática e ensino exigem sacrifícios, desprendimentos e muito amor de Deus. Sabemos também das recompensas que recebem os que abraçam a Cruz de Cristo, mas muitas vezes, tememos o seu jugo. Por que será?

Por que será que o Gregoriano ainda não venceu? — Mas ele vencerá nas almas de boa vontade.

Irmã Maria José Clímaco

BRASIL - WARD

Primeira Semana de Estudos do MÉTODO WARD —
São Paulo, janeiro 1961

AULA INAUGURAL DE IR. MARIA LINA, O. P.

O que é o MÉTODO WARD?

Método escolar de ensino da música à criança; organizado e idealizado por Madame Ward (norte americana) que fez seus estudos em Solesmes, com Dom Mocquereau.

“O Método Ward mostra, por fatos concretos, que a educação musical é um elemento fundamental para o desenvolvimento intelectual e a formação do caráter.

O canto não deve ser matéria isolada; é uma função espontânea, vital e considerada como estreitamente ligada às matérias curriculares”. O canto é arte e, não nos esqueçamos de que não é por meio de cálculos que se aprende uma arte, mas pela ação, e por uma ação freqüentemente repetida. Precisamos então de aulas diárias ou quase diárias. Esta aula, sobretudo para os pequeninos, deve ser curta. O Método preconiza 20 minutos diários. Durante êstes 20 minutos, uma grande variedade não permite que as crianças se cansem — elas ouvem, cantam, ficam de pé, sentam-se, concentram-se, distendem-se, cantam coletivamente, cantam individualmente, etc.

“Para que a música possa realizar seu verdadeiro papel na formação cultural é preciso que o método seja acessível:

- a) aos professores, de sorte que eles sejam capazes de ensinar a música como o são para as diferentes matérias;
- b) aos alunos *sem distinção*, e não somente aos naturalmente dotados”.

Responderá o MÉTODO WARD a estas exigências?

Vê-lo-emos na prática. Entretanto, posso adiantar que o Método Ward simplificou ao máximo a técnica musical e pôs de lado tudo o que havia de abstrato e artificial. Chegou, então, a uma divisão das dificuldades e a uma série de exercícios cuidadosamente graduados. Assim, a matéria está perfeitamente ao alcance de tôdas as crianças.

“Como o exige a psicologia moderna, a criança é o centro ativo dêste ensinamento musical, é ela que encontra o intervalo, é ela que indica

os sons com o manossolfa, ela cria composições espontâneas. Relacionando o novo ao que é conhecido, o professor tende a desaparecer, deixando à criança o prazer de descobrir, por ela mesma, o elemento que constitui a novidade. Nas três fases de *imitação*, de *crescimento* e de *desenvolvimento*, a impostação da voz, o estudo dos intervalos, tendo a notação numérica como ponto de partida, e a *formação do ritmo* por meio de grandes gestos, ocupam lugar importante.

Para ensinar o Método Ward, não é preciso ser musicista ou músico, nem ter *elevados talentos* musicais; exige apenas uma tendência natural, muito boa vontade, amor à profissão, à vocação, ter zêlo, aplicação, paciência e, está claro, ser *fiel às regras* e progressão dos exercícios apresentados na série de 5 livros que compõem o Método. Em última palavra, é preciso seguir um *Curso normal* de formação de Professores. Não se trata, no Método Ward, de iniciação musical, mas de ensino integral, que dá à criança sólida base vocal, rítmica e auditiva, despertando-lhe assim gosto e entusiasmo pelo "CANTAR com BELEZA".

Poderíamos terminar esta breve exposição pelas palavras do R.P. Smits V. Waesberghe, musicólogo de renome internacional: "Por que o Método Ward tem fama mundial? — Pela maneira original de nos apresentar a música, pelas combinações e deduções práticas, utilizando os meios da lógica e da atividade infantís; sobretudo pela unidade de construção, guiando a criança até os resultados mais inesperados."

ESCLARECIMENTOS PEDIDOS

MÉTODO WARD

1. Sim, e a clave de C que oferece interêsse para as crianças. Esta clave porém, não poderá estar em desacôrdo com a tonalidade escolhida pelo professor. Assim, por exemplo:

| 1 3 5 | 6 . 4 | 5 . 5 | 1 3 5 | 6 . 4 | 5 . . |

Para esta frase, tendo-se em vista a tessitura aconselhada pelo Método e, desejando-se evitar que as crianças cantem em tom muito grave, o que prejudicaria a impostação, toma-se 1=G.

G — indica a altura absoluta da melodia. Portanto, clave de SOL, tom de SOL maior com 1 suspenido na clave.

1 — indica a altura relativa em que vai ser cantada a melodia. Logo, se temos 1=G, a clave C só poderá estar na 2.^a linha, que corresponde à nota SOL na altura absoluta.

Entenderam, aqueles que usaram para 1=G a clave de C 1.^a linha? O C 1.^a linha é consequência de 1=E (tom de Mi maior com 4 sustenidos) ou i=Eb (tom de Mib maior com 3 bemóis).

outro exemplo: 1 | 5 1 | 3 . | .
 3 | 2 12 | 3 . | .

Escolheremos 1=Bb. Estamos, então, em Sib maior com 2 bemóis, na altura absoluta, na clave de SOL. Se 1=Bb, a clave C só poderá estar na 3.^a linha, que corresponde à nota Sib na altura absoluta. Claro? Não se esqueçam de que as *letras* indicam a altura absoluta na clave SOL e que os *números* indicam a altura relativa sempre na clave C. Cf. Livro de 1.^o Ano do Metodo Ward:

— Canção Popular Espanhola	pág. 141
— Melodia Espanhola	pág. 141
— Melodia Basca	pág. 172
— Canção Popular Alemã	pág. 193
— Melodia Basca	pág. 212
— Melodia Alemã	pág. 223

2. Não se lembram que ficou como um “logan” nas nossas aulas em São Paulo: — *coloca-se sempre a barra à esquerda das notas longas e, última nota, barra de compasso*. Logo, é incorreto escrever-se 1|. Muitos apresentaram na prova escrita o seguinte:

8 | 7 6 | 5 4 | 3 2 | 3 1 | .

Cantem este exemplo observando o levantar e o pousar. Verão que no final, qualquer coisa estará desarticulado faltando a sensação de repouso e estabilidade. A nota 1 longa, fica assim no levantar quando ela deveria estar no pousar do ritmo. Cantem agora o seguinte:

8 | 7 6 | 5 4 | 3 2 | 3 . | 1 . | .

É outra coisa, não acham? As regras estão salvaguardadas.

AVISO

1. Não se esqueçam de enviar o relatório das atividades de 6 em 6 meses.
2. É favor enviar sempre um envelope selado para a resposta da correspondência Ward.
3. Bom trabalho. Fidelidade e... Paciência.

Só Climax facilita o seu conforto!



LIMAX

VITORIA - 9,5 pés

Super Luxo



Cr\$ **39.450,**

(PÓS-TO S PAULO)

- O melhor e mais moderno gabinete fabricado no País
- O maior congelador existente onde cabe um leitão ou um peru inteiros 2.200 cm³!
- Ampla gaveta plástica "Quick Freezer" para o rápido congelamento de carnes e peixes.
- Possante e silencioso compressor P 91, econômico e de alto rendimento, fabricado sob licença da Tecumseh Products Co. U.S.A.

ISNARD & CIA. S. A. — Com. e Ind.

Av. São João, 1.400 - São Paulo



A
TERRA
TREMEL
e
SILENCIOU

QUANDO
DEUS
se
LEVANTOU

PARA
A
JULGAR

(SL. 75, 9-10)



ALLELUIA

FOR LIBRARY USE ONLY.

Princeton Theological Seminary Library



1 1012 01459 9197

FOR LIBRARY USE ONLY

